

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**LUCIANA SOARES DA SILVA**

**“AMAR, VERBO INTRANSITIVO”:  
IDENTIDADES FEMININAS EM CONSTRUÇÃO NO  
ROMANCE MODERNO**

**UBERLÂNDIA / MG**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**LUCIANA SOARES DA SILVA**

**“AMAR, VERBO INTRANSITIVO”:  
IDENTIDADES FEMININAS EM CONSTRUÇÃO  
NO ROMANCE MODERNO**

**Monografia de Conclusão de curso  
apresentada ao Curso de Graduação em  
História da Universidade Federal de  
Uberlândia, como requisito parcial para  
obtenção de título de bacharel e licenciado  
em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>.  
Dr<sup>ª</sup>. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro.**

**UBERLÂNDIA / MG**

**2011**

Luciana Soares da Silva

“Amar, Verbo Intransitivo”: Identidades Femininas em Construção no Romance Moderno

60 fls.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

Monografia (Bacharelado e Licenciatura) – Universidade de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras- chave: Literatura; História; representações; família paulista, identidades.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**LUCIANA SOARES DA SILVA**

**“AMAR, VERBO INTRANSITIVO”:  
IDENTIDADES FEMININAS EM CONSTRUÇÃO  
NO ROMANCE MODERNO.**

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

---

Profa. Dra. Maria Andréa Angelotti Carmo

---

Profa. Dra. Ana Paula Spini

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pela conservação da minha saúde e força para superação dos obstáculos que surgiram ao longo da trajetória da graduação.

À minha família pelo apoio, pela compreensão e pelos exemplos e conselhos fornecidos ao longo da vida, muitos dos quais decidi seguir na certeza de que seriam cruciais para meu sucesso profissional e, sobretudo pessoal.

Aos meus pais, Hermes Soares da Silva e Darci Luiz Soares da Silva, que sempre estiveram ao meu lado para me auxiliar e compreenderam o fato de que eu precisava empenhar em meus estudos. Às minhas irmãs e irmãos também, que sempre me incentivaram e proporcionaram momentos de extrema alegria.

Ao meu esposo Giovani Domingues de Souza, meu filho Lucius de Souza Soares pela compreensão, carinho e paciência, por acreditar no meu esforço e respeitar minhas escolhas, além de ter colaborado com recursos que foram essenciais para o presente trabalho.

À Universidade Federal de Uberlândia, aqui compreendidos os técnicos, professores, secretários, em especial, João Batista, etc. pelo bom atendimento e disponibilização de recursos humanos e materiais que possibilitaram a conclusão da graduação e a redação do trabalho presente.

Aos professores do curso de História pelo apoio e pelos momentos de debate e reflexão que contribuíram para o meu amadurecimento e formação de perspectiva que foram fundamentais na execução desta monografia.

Aos meus amigos de graduação que proporcionaram momentos de diversão, troca de experiências, discussão de posições, apoio, incentivo e respeito, contribuindo para minha formação pessoal e enquanto historiador/professor de História. Agradeço especialmente a Mariana Bahia, Flavia Rosa, Nayara Vasconcelos Dutra, Allan. Deixo a vocês meu sincero “Obrigado!”, admiro-os muito e espero que a nossa amizade não se perca com o fim da graduação.

Não poderia deixar de agradecer á **Prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro**, tanto pelo apoio, paciência e colaboração ao longo do processo de orientação, quanto pela convivência durante a graduação, nas salas de aula e fora delas. Você é para min exemplo de esforço, seriedade, compromisso e engajamento, além de ter compartilhado perspectivas teóricas metodológicas e políticas.

## **Resumo**

No presente trabalho monográfico busca-se compreender e analisar a construção de identidades, particularmente as identidades femininas, em “Amar, Verbo Intransitivo”, romance de Mário de Andrade. Trata-se de um desafio no sentido de mostrar como História e Literatura, no caso um exemplar do romance moderno da década de 20 e o fazer historiográfico, encontram-se no diálogo que produz reinterpretações sobre um certo tempo e lugar, sobre valores, comportamentos e sujeitos sociais. Com os instrumentos da História Cultural, trama do romance conforma lugares, identidades e relações sociais que exibem um cotidiano da família brasileira da elite paulista naquela época. A crise econômica, mudanças e permanências nos costumes e mentalidades evidenciam-se. É possível, portanto, captar parte da trajetória e captar o pensamento de Mário de Andrade, bem como a importância da literatura e do romance na época.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Representações. Família paulista. Identidades

## **ERRATA**

## **SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**.....p.07

### **CAPÍTULO I.**

São Paulo e o Brasil nos Anos 20: “o passado é lição para se meditar não para reproduzir”.....p.11

### **CAPÍTULO II.**

“Amar, verbo intransitivo”: a construção das identidades, da família e das relações sociais.....p.24

### **CAPÍTULO III.**

Sexo, gênero, sexualidades: representações do amor na literatura.....p.39

### **CONSIDERAÇÕES**

**FINAIS**.....p.51

**BIBLIOGRAFIA**.....p.60

*(...) o imaginário é sistema produtor de idéias e imagens,  
que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo:  
a racional e a conceitual que formam o conhecimento científico,  
e a das sensibilidades e emoções,  
que correspondem ao conhecimento sensível.*

***Sandra Jatahy Pesavento<sup>1</sup>***

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: *História e Literatura. Identidades e Fronteiras*. Uberlândia/MG: EdUFU, 2006 [pp.11-29].

## INTRODUÇÃO

O romance de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*, foi leitura que me marcou. Ao longo das aulas de graduação no Curso de História, pensava como poderia, talvez, aproveitar aquela leitura instigante para pensar sobre a década de 20, do século XX, como se organizava a sociedade daquela época, como o autor teria, na sua escrita, encenado uma história familiar, com tantos detalhes, nuances, expressões, sensibilidades que traziam para os dias de hoje uma série de valores e conflitos daquela época. Conflitos que podem ser vistos na sua dimensão espaço-temporal, mas que trazem para os dias de hoje a possibilidade de se pensar as relações sociais, as emoções sociais e as representações do amor.

Devido a várias leituras que fiz do romance, pude perceber como o livro me fazia pensar e, ao longo do curso, costumava relacionar as leituras de historiografia do período com as cenas da família paulista na escrita daquele autor modernista. E pensava: por que aquela escrita é modernista? Por que a educação das meninas era tão diferente da dos meninos naquela época? Como ele criou o ambiente e as relações daquela família paulista? Como pensou e construiu aquelas personagens, e o que significava ser pai, mãe, homem, mulher, uma família de elite naquela capital? Como aquelas identidades foram construídas, por que aqueles papéis foram designados para identificar pessoas da família, como se fossem relações e papéis naturais?

O autor expõe questões que passam pela dimensão social, econômica e cultural, ou seja, expõe sentidos, significados, símbolos que designam o *status* daquela família em suas relações no mundo privado. Essas questões me instigavam, pois era um período em que as pessoas estavam vivendo mudanças profundas. Artistas, intelectuais, governantes entre outros membros da população estavam empenhados em “inventar” uma nova identidade para o povo brasileiro, projetar o país para o universo das nações consideradas civilizadas, para o mundo do progresso, e deixar para trás as imagens, os hábitos, os signos que identificavam o Brasil e o povo com o atraso, com o passado colonial. Era comum que a população, principalmente as elites, mirassem na Europa e de seus produtos retirar os

exemplos para que o país se tornasse mais uma entre aquelas nações modernas e Paris era um dos focos ou espelhos principais desse desejo e essa nova mentalidade.

A importância dessas transformações foi tratada por muitos autores e autoras, ao se debruçarem sobre estudos variados com enfoque nas artes plásticas, nos partidos políticos, nos movimentos sociais, nas relações de produção do mundo rural, no crescimento das populações urbanas, dos serviços, dos mecanismos políticos de ordenação, participação e representação social, em suma, em muitas dimensões do processo histórico da primeira república, particularmente na década de 20, em suas complexas relações.

Em todo esse processo, a narrativa de Mário de Andrade parecia pulsar e queria dizer coisas que não me saíam da cabeça. Seria Elza, professora de línguas, de piano e de amor uma representante da mulher “moderna”, ou um “mal necessário”, ou uma representante da mulher “civilizada”, ou da mulher na Alemanha, estava ela em busca da ascensão financeira ou social? Seria a família Souza Costa uma representação da família das elites paulistas, ou seja, representativa do que se pretendia como “cultura brasileira”? Seria a educação sexual uma prática necessária para os meninos na família patriarcal brasileira?

Enfim, percebi que poderia ser importante fazer uma pesquisa sobre a construção desses personagens que permitisse fazer uma abordagem dos valores que estavam em vigor naquela época e lugar, perceber a historicidade daqueles gestos e das cenas recriadas pelo escritor. Também pensei na importância de fazer um trabalho que pudesse recolocar a relação entre a história e a literatura brasileira, para entender questões da realidade histórica retratadas pelo autor. Pretendia também pensar na formação das identidades nacionais, assunto tão caro aos contemporâneos do escritor, e como se construíam as identidades femininas naquele romance.

Há várias possibilidades de se trabalhar com História e Literatura, mas o fato de pesquisar um romance, ou seja, uma história ficcional e tirar dele elementos para se pensar o processo humano e histórico permite-nos transportar no tempo e na historiografia, viajar nos estudos e nos discursos teóricos, buscar proceder à leitura investigativa e ao trabalho do historiador. Sem perder de vista alguns ensinamentos, como o de Walter Benjamin, quando afirma:

(...) o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que aconteceu pode ser considerado perdido para a história.<sup>1</sup>

Por outro lado, procurei fazer uma reflexão sobre o contexto daquela década, entender um pouco a efervescência que representou a Semana de Arte Moderna e sobre os intelectuais que conviveram com a pessoa e a inquietação de Mário de Andrade. Busquei enxergar a importância dessa efervescência para o autor, mas também pensar como a sociedade via a modernidade, o que representava ser moderno naquela época. Como se dão choques culturais, econômicos, como a sociedade reage e como as elites se comportam naquele momento. Na verdade, a narrativa estudada nos remete às relações no mundo privado, no seio familiar, mas as questões problematizadas pelo autor nos permitem enxergar em parte a sociedade envolvente e principalmente os valores morais daquela época. O romance trata, espacialmente, de relações no interior da família, representações do sexo, gênero da sexualidade e também representações do amor.

Além da História, é claro, procurei obras de autores da teoria literária, alguns estudos da sociologia, outros estudos de gênero e do imaginário, para dialogar com as minhas inquietações.

No primeiro capítulo da monografia apresentei o contexto histórico da década de 20 e que chamei de “São Paulo e o Brasil nos anos 20: “O passado é lição para se meditar e não pra reproduzir”. Nessa parte, abordo questões do processo histórico específico daquela época. A importância da modernidade para a sociedade paulista, a Semana de Arte Moderna em São Paulo; a importância da economia naquele momento, a vinda da mão de obra estrangeira para o Brasil, a discussão sobre a nacionalidade brasileira entre os intelectuais; a importância de Mário de Andrade para a literatura brasileira; como a literatura proporciona um espaço para o autor expressar questões que estão presentes em seu cotidiano.

No segundo capítulo, “Amar, Verbo Intransitivo: a construção das identidades, da família e das relações sociais, trato das questões sociais, econômicas e culturais que situam a família paulista, e como essa família é representada no romance . Procurei fazer uma

---

<sup>1</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. Vol 1, São Paulo: Brasiliense, 1985, p.223.

apresentação do romance, de seus personagens, elementos da própria ficção para localizar a história e facilitar a leitura dessa abordagem monográfica.

No terceiro capítulo, busquei fazer uma reflexão sobre a construção de imagens do feminino na obra de Andrade, como uma forma de compreender como ele constrói as representações e práticas inscritas nos discursos da e sobre a sociedade paulista da época. Procurei fazer também uma comparação entre as personagens femininas - Elza e Laura, uma e outra, além de observar a construção das imagens do feminino em relação às do masculino, ou seja, as identidades em relação.

Assim, procedi à abordagem de alguns trechos, buscando perceber como aparecem traços e localizações das identidades que remetem à família, à classe, à idade e ao gênero. Gênero, essa categoria analítica que nos ajuda a pensar no seu aspecto relacional, ou seja, como “saber que estabelece significados para as diferenças corporais”<sup>2</sup>, as lentes do gênero nos permitem perceber referenciais que indicam os sentidos do feminino e do masculino como lugares sociais, em um ordenamento que define pólos opostos, que alimenta a hierarquia e a lógica binária.

Por fim, perceber a construção de práticas da sexualidade, do amor, da família, práticas sociais femininas e masculinas no romance moderno como objetos naquela dinâmica naturalizada, foi uma forma de desnaturalizá-las, ou seja, pensá-las em sua historicidade ou repensá-las como signos, construídos na cultura e na história. Como atenta Guacira Lopes Louro:

(...) através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino e masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> SCOTT, Joan W. SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, nº2, jul./dezembro 1995, p. 7.

<sup>3</sup> LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. LOURO, G.L.(org.) O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 10.

## Capítulo I

### **São Paulo e o Brasil nos Anos 20: “o passado é lição para se meditar não para reproduzir”**

O contexto histórico em que aparece a obra de Mario de Andrade, *Amar, Verbo Intransitivo*<sup>4</sup>, caracteriza-se pela turbulência econômica e diversidade social no Brasil, por uma efervescência cultural, evidencia um momento de ruptura, de busca de releituras do passado e de criação de novos caminhos, que configuram um conjunto de sentidos contraditórios que identificam o “moderno” ou a “modernidade”. Segundo Sérgio Tolipan, “(...), é cenário de intensa luta travada, sob as mais deferentes formas e por contendores os mais diversos, em torno de uma questão central: a modernização”<sup>5</sup>.

A década 20 a produção de café aumenta consideravelmente, pois, o mercado internacional se mantinha estável, já o crescimento da indústria no Brasil, se concretizava lentamente, mas com a queda da Bolsa de Nova York, a valorização desse produto cai e a economia do país fica comprometida. Com a fragilidade da economia internacional devido a Primeira Guerra Mundial, a indústria brasileira tinha considerável benefício, mas o incentivo à industrialização esbarrara em pequenos obstáculos como acumulação de capital por parte do café e uma dificuldade em reunir a força de trabalho, mas essa falta foi de alguma forma compensada pela importação de mão-de-obra. Ainda sobre a diversidade social e a imigração no Brasil, à época, reflete Sérgio Tolipan:

---

<sup>4</sup> A obra *Amar, Verbo Intransitivo* teve sua primeira edição em 1927, lançada pela Editora Agir LTDA, Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> TOLIPAN, Sérgio, et alii. Sete ensaios sobre o modernismo. In: Caderno de Textos, 3. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983. p. 9.

(...) ora, desde o período anterior a guerra que a mão-de-obra industrial é basicamente composta por imigrantes (particularmente italianos, portugueses e espanhóis (...) vivendo no Brasil em 1920). Estes, vindos de regiões rurais ou urbanas da Europa, eram profundamente marcados por duas características: primeiro, pelo desejo de ascensão social, o que era efetivamente viável e, em muitos casos, veio a se concretizar. (...) Em segundo lugar, por um elevado nível de politização (...)<sup>6</sup>.

A vinda de mão-de-obra estrangeira foi incentivada pelos governos brasileiros desde a segunda metade do século XIX, por meio de políticas imigrantistas e, no início do século XX, os estrangeiros continuaram a aportar no país, sendo considerados como mão-de-obra para o trabalho industrial, mas não apenas para esse setor. Costumavam ser vistos em relação à mão-de-obra escrava, e nessa comparação, como sujeitos melhor educados, capacitados, por isso eram identificados como trabalhadores qualificados para inúmeros serviços. Afinal, eram vistos como sujeitos “brancos” e “europeus”, o que conferia a eles uma imagem atrelada à idéia de “evolução”, “civilização” e “progresso”.

No Brasil, embora a crise econômica tenha atingido o país, a década de 20 ficou também conhecida por uma produção intensa de um discurso sobre a nacionalidade brasileira. Esta que se observa paralelamente à industrialização crescente, à urbanização, à formação da classe operária, ou seja, exprimem mudanças relevantes, inclusive no campo das linguagens e expressões que resultam em uma arte também considerada moderna.

A utopia da inserção do país na modernidade marcou a geração de 22 e a inquietação intelectual vivida naquele período, para além das comemorações do centenário da independência, é ainda objeto de interesse de historiadores e historiadoras preocupados em observar aquele período histórico em suas especificidades, e não apenas como um período que antecede os anos 30, este, sim, considerado e quase consagrado como um divisor de águas entre dois períodos republicanos. Já na década de 20, portanto, era possível perceber aquela inquietação no sentido de buscar o novo, e esta se movia em diferentes setores da sociedade.

A historiadora Marly Silva da Motta observa, nessa direção, que

---

<sup>6</sup> Ibidem., p. 10.

(...) é preciso destacar a abertura do leque de temas, para além daqueles que particularmente marcaram o período, ou seja, além dos eventos tradicionais dos anos 20” - a fundação do PCB, a Semana de Arte Moderna, e a irrupção do movimento tenentista -, cujo lugar na memória e na historiografia nacionais foi cuidadosamente construído ao longo do tempo, verifica-se agora a introdução de temas antes relegados a segundo plano.<sup>7</sup>

As manifestações expressivas de um novo sentimento, ou movimento, foram de tal monta que a idéia do “moderno” se estabelece na linguagem e na cultura como se configurasse um estilo, um gênero literário e de expressão estética, ou seja, designa uma postura nova de um país que se pretende uma “nação moderna”. Artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcante, Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira foram algumas das figuras importantes que transitam e produzem naquela década e a Semana de Arte Moderna (1922) é considerada um marco inicial de todo esse complexo processo. De acordo com Mariza Veloso e Angélica Madeira,

(...) realizada em São Paulo , em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna foi resultado de um desejo coletivo de tornar visíveis as novas idéias que inquietavam a intelligentsia brasileira. A dinâmica cultural, que antecedeu e se seguiu a esse acontecimento emblemático, torna-se compreensível, se considerarmos os ideais daquela geração e sua capacidade de formação de grupos voltados para a ação coletiva.<sup>8</sup>

A arte não é a única esfera que expressa essa mudança de sentimentos, comportamentos e mentalidades. Tais mudanças exprimem um desejo de mudança que inclui o desenvolvimento social, econômico, tecnológico, industrial. A mudança é um desejo, uma utopia que movimenta e dá sentido ao processo de modernização. Por outro lado, é este processo que alimenta, por sua vez, a produção de novas mentalidades na sociedade.

As reflexões, as obras literárias e iconográficas produzidas naquela década estão impregnadas daquele desejo, e podem ser objeto de análise, na medida em que permitem

---

<sup>7</sup> MOTTA, Marly Silva da. 1922: em busca da cabeça do Brasil moderno. Rio de Janeiro: CPDOC, 1994, p. 2. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/artigos>. Acesso em 01/01/2011.

<sup>8</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras. Itinerários do Pensamento Social e na Literatura*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, p.89.

que se pense historicamente as obras e os gestos, as concepções estéticas e as produções intelectuais, e também as relações cotidianas que exprimem como uma comunidade, em um determinado tempo e lugar vive e reflete sua relação com o mundo e a história<sup>9</sup>. Segundo Roger Chartier,

(...) as obras não têm sentido estável, universal, congelado. Elas são investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre formas e motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou expectativas dos públicos que delas se apoderam.<sup>10</sup>

A década de vinte, momento em que observa-se traços desse anseio de modernidade, é também lugar de tensões sociais e contradições. Ao mesmo tempo em que se buscava uma nova forma de pensamento, de arte, literatura, de arquitetura, ou seja, um modelo de pensamento e expressão que não estivesse vinculado com o passado, com as formas tradicionais, de certa forma, percebe-se que ainda há traços que nos permitem enxergar a forma tradicional. O Modernismo, no Brasil, propôs, segundo Veloso e Madeira, “uma série de releituras das tradições populares e das práticas sociais do passado colonial, identificando, naquele momento histórico, a criação de um estilo de civilização genuinamente brasileiro”.<sup>11</sup>

No conjunto de movimentos e mudanças, que implicam também nessa retomada de valores e tradições, a década em questão revela não apenas o início de uma preocupação e busca constante por uma nova construção de identidade nacional, mas também um ordenamento e uma divisão dos papéis que são atribuídos aos sujeitos sociais, homens e mulheres. Também naquela década é possível identificar a predominância de um imaginário e um discurso social que procura ordenar as esferas da vida social segundo o sexo ou gênero, por meio de uma leitura masculina, elitista, que define o espaço privado como lugar natural das mulheres e o espaço público como se fosse reservado aos homens. Margareth Rago nos esclarece que, até recentemente, de modo geral,

---

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n.13, 1997 [97-113], p. 107.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Op. cit.*, p. 99.

(...) as mulheres não tinham direito à vida pública, o que significava a impossibilidade não apenas aos negócios, aos cargos políticos e de direção, à cultura e à educação, como também a do desfrute da sociabilidade nos bares, restaurantes e cafés e de determinados espaços de lazer ou prazer, pelo menos nas mesmas condições que os homens.<sup>12</sup>

Quando se observa no Brasil, particularmente em São Paulo, a efervescência de um movimento modernista, percebe-se também que o país passava por um processo bastante complexo, no qual eram estimuladas diferentes atividades, em que pesem algumas permanências estruturais: era início da década, e para além das atividades de uma estrutura agrária tradicional, transformações aconteceram principalmente no meio urbano, tais como a aceleração da indústria, dos serviços. Mas é no interior dessa sociedade que busca o desenvolvimento econômico e social que ainda predominam os latifúndios e as desigualdades, em alguns casos, bem consoante à antiga tradição colonialista.

Por outro lado, transformações se sucedem e dão a ler o processo de modernidade, por isso é possível perceber que, sobre o cotidiano de uma estrutura social e familiar tradicional, esse momento inspira investigações e descobertas, pois é possível observar nele a necessidade de construir uma nação nos moldes das nações civilizadas e do progresso, mas, para que isso acontecesse, era de fato necessário pensar sobre a cultura, ou seja, transformar aquelas tradições e alterar costumes, como explica Ângela de Castro Gomes, no trecho a seguir

(...) os anos 20 são estratégicos sobre tal perspectiva, e o Brasil não foi neles uma exceção. Inclusive porque aqui entre nós, redimensionando uma demanda que era mundial, começavam as preocupações com os preparativos do que deveria ser a grande comemoração do centenário da independência, a se dar em 1922. Comemorações como essa costumam mobilizar os governantes e a sociedade em geral, pois são sempre uma oportunidade de um convite especial à realização de balanços, que com o objetivo de engrandecer, quer com explícita intenção crítica. Por isso, políticos e intelectuais estão particularmente nelas envolvidos, uma vez que tem como atribuição específica a produção de análises que permitam a compreensão da realidade do país, com base nas quais serão construídos projetos

---

<sup>12</sup> RAGO, Margareth. Ser Mulher no Século XXI. In: *A Mulher Brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004, p 34.

visando seu maior progresso. Em síntese, explicações sobre as causas do “atraso” idéias sobre as possibilidades de “modernização”.<sup>13</sup>

Apesar dos projetos pensados na direção do progresso, o Brasil encontrava-se enraizado às tradições colonialistas, ainda bastante fortes em nossa cultura. A partir dessa ligação, entendemos que mesmo nas cidades maiores e urbanizadas, tanto a sociedade do Rio de Janeiro ou São Paulo não pareciam preparadas para promover sem dificuldades o processo modernizador. Partindo da perspectiva de Afrânio Coutinho que

(...) A literatura “moderna”, no Brasil, é o que se denomina o Modernismo, termo que se vai fixando na historiografia literária para designar o período estilístico inaugurado com a “Semana de Arte Moderna” (1922) e vindo até o meado do século. Modernismo, assim, não é apenas o movimento restrito à Semana de 1922, mas abrange toda a época contemporânea.<sup>14</sup>

A Semana da Arte Moderna exprime o crescimento desse novo modo de pensar, ou seja, a articulação da sociedade com seus elementos simbólicos, comportamentos e valores que definem o que é comum ao grupo e o que o diferencia dos outros. Arte, bem como o pensamento social, inclusive a literatura, parece revelador da necessidade de parte da sociedade urbana no sentido de se promover a construção de diferentes modelos para a criação de uma “nação brasileira e moderna”<sup>15</sup>. As diferenças começaram a surgir e um novo grupo de pensadores se organizava, estes que ficaram conhecidos como os modernistas e que, através da pintura, arquitetura, da escrita, produziu um conjunto de imagens e reflexões sobre a sociedade brasileira.

É nesse contexto que Mário de Andrade se envolve de forma participativa e produtiva, e é através da literatura que ele vai introduzir uma nova escrita que se distancia da tradicional, ainda que invoque velhos e novos personagens. Mesmo em seus romances,

---

<sup>13</sup> Ver GOMES, Ângela de castro. A política, brasileira em busca da modernidade na fronteira entre o público e o privado \_ História da vida privada no Brasil: contratos da intimidade contemporânea - São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 492.

<sup>14</sup> COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil – 7. Ed. rev. e atual – São Paulo: Global, 2004, p. 343

<sup>15</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Op. cit.*, p.3.

podemos perceber um jeito novo de se pensar a sociedade da época e suas contradições. A ruptura com o passado e a idéia de um novo coletivo em Mário de Andrade são questões abordadas pela autora Luisa Enõe Schutel, ao considerar que:

(...) O depoimento artístico de Mario de Andrade não se limita a sua posição individual, mas equivale a uma maneira de pensar e sentir que se amplia em termos de reflexão coletiva... A ruptura com todo um passado artístico e cultural, portanto, consiste no que há de específico nesta nova forma de expressão. O passado serve como ponto de referência a ser negado e questionado. Como dizia Mário de Andrade: “o passado é lição para se meditar não para reproduzir”.<sup>16</sup>

Negado ou questionado, segundo o próprio escritor, o passado não seria exatamente um modelo exemplar, mas uma matéria fértil para o pensamento.

### **Mário de Andrade: notas biográficas**

Mario de Andrade (1893-1945), natural de São Paulo, filho de família de classe média, torna-se ainda jovem trabalhador dos serviços públicos. Dedicou parte de sua vida à literatura brasileira e foi naquele período de mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas que ele escreveu de maneira simples, ou seja, buscando fugir de um certo tradicionalismo em voga, o romance “*Amar, verbo intransitivo*”. O romance foi escrito entre 1923 e 1926. O livro foi editado em dois momentos durante a vida do autor. A primeira publicação foi em 1927 e a outra publicação só aconteceria 17 anos depois em 1944.<sup>17</sup>

Mário Raul de Moraes Andrade fez o curso secundário no Ginásio Nossa Senhora do Carmo e diplomou-se no Conservatório Dramático e Musical, onde passaria a ser professor de História da Música. Tendo sido um dos responsáveis pela Semana da Arte Moderna, animou as principais revistas do movimento na sua fase de afirmação polêmica: Klaxon, Estética, Terra Roxa. Esteve sempre ligado a uma vida de intensa criação literária e também

---

<sup>16</sup> SCHUTEL, Enõe Luisa. In: Mario de Andrade: ensaios e textos comentados sobre autores contemporâneos brasileiros e portugueses. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p.17.

<sup>17</sup> BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 421. Ed. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 346-7.

com o estudo apaixonado da música, das artes plásticas e do folclore brasileiro. De 1934 a 1937, dirigiu o Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo, fundou a Discoteca Pública, promoveu o I Congresso de Língua Nacional Cantada e dinamizou a excelente Revista do Arquivo Municipal.<sup>18</sup>

De 1938 a 1940 lecionou Estética na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Voltando a São Paulo, passou a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico. Faleceu na sua cidade aos cinquenta e um anos de idade. Deixou uma produção significativa de romances, contos, poesia, ensaios referenciais para a cultura brasileira.<sup>19</sup>

Partindo da historiografia da literatura brasileira, Mario de Andrade fez parte deste período importante que se chamou modernismo, que representou uma nova maneira de se expressar, principalmente pela arte, mas que de certa forma revela também novas concepções e valores em relação aos nossos costumes sociais e políticos. É através das inquietações sobre o progresso e a nação, do debate sobre os estilos e técnicas da pintura, da escrita, da literatura, que os artistas brasileiros citados anteriormente vão criar uma forma por meio de procedimentos novos tanto na pintura, arquitetura, literatura, que os levaram a refletir de forma simples sobre a realidade brasileira, passado e presente. Alfredo Bosi coloca que

(...) se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e em um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural.<sup>20</sup>

Nesse ambiente de “inconformismo cultural”, então, não dá para negar que, diante de um passado colonial, identificado com o atraso, que se quer recusar, de um futuro

---

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> O escritor deixou uma riquíssima correspondência, além de algumas obras listadas a seguir: Há uma Gota de Sangue em Cada Poema, poesia, 1917; Paulicéia Desvairada, poesia, 1922; A escrava que não é Isaura, poética, discurso sobre algumas tendências da poesia modernista, 1925; Primeiro Andar, contos, 1926; Losango Cáqui, ou Afetos Militares de Misturas com os Porquês de eu Saber Alemão, Lirismo, 1926; Amar, Verbo Intransitivo, romance, 1927; Clã do Jabuti, poesia, 1927; Macunaíma, o herói sem caráter, rapsódia, 1928; Compêndio de História da Música, 1929 e outras. Ver: BOSI, Alfredo. História considera Literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1976.

<sup>20</sup> BOSI, Alfredo. *Op. cit.*, p. 332.

desenvolvido, tecnológico que se quer abarcar, de imagens do progresso que se quer forjar, entre outras imagens estrangeiras que se quer rejeitar, ou seja, diante de uma série de problemas que se colocam na perspectiva do pensamento social e da cultura do país, a Semana de Arte Moderna no Brasil se torna evidência de um movimento que não se podia conter, pois, uma corrente formada de intelectuais estavam preocupados e investindo na produção de linguagens e idéias, a fim de transformar e libertar o Brasil moderno de seu passado tradicional.

A Semana de Arte Moderna ocorre na capital paulista e o movimento se dissemina para outros lugares do país, principalmente para as capitais, contribuindo para uma profusão de manifestações artísticas. Os artistas tinham uma proposta muito ampla que buscava estimular produções regionais, locais, universais, mas com base em valores nacionais, ou seja, buscava romper com a produção de uma imagem eurocêntrica, romântica e idealizada da nação.

É neste contexto inconformista, instigante e fértil que Mário de Andrade pretende construir uma nova visão da inteligência nacional e parte para uma determinada verificação das teorias e escrita oficial, dando assim, um ar de simplicidade para o texto literário, ou seja, trazendo para o texto escrito uma expressão da língua portuguesa falada. Ronaldo Brito, sobre esse dado, explica que

(...) corríamos, então, à frente de nós mesmos? Também não. Procurávamos acertar o compasso com uma história que, propositalmente, nos deixava para trás. Apesar de todo o escândalo e toda a crise, as vanguardas faziam sentido na Europa. Um sentido às vezes negativo, escabroso até, mas afinal um sentido. Nós, ao contrário, não fazíamos sentido: a nossa razão de ser era a Europa. Por isto buscávamos um sentido com a nossa vanguarda - a afirmação da identidade nacional, a brasilidade. Paradoxal modernidade: a de projetar para o futuro o que tentava resgatar do passado.<sup>21</sup>

É esse “passado”, ou a especificidade do comportamento “local”, que de certa forma contribui com mudanças tão significativas na construção de um novo jeito de se pensar a relação com o “universal”, no processo de formação da nacionalidade no Brasil.

---

<sup>21</sup> BRITO Ronaldo. A Semana de 22: O trauma do moderno In: Sete ensaios sobre o Modernismo. Rio de Janeiro: Funarte, 1983. p.15, il. (Caderno de Textos, 3)

Assim, entendemos que o romance de Mário de Andrade nos permite compreender a construção nos moldes dessa equação entre o velho o novo, a tradição e a inovação, o local e o universal, aspectos que aparecem na narrativa em que ele constrói uma representação da família de classe média urbana na São Paulo que se modernizava.

A literatura proporciona certa liberdade ao autor para expressar suas manifestações positivas ou negativas em relação há certo tempo e lugar, ou seja, independente do gênero e do estilo do texto – poesia ou prosa -, encontraremos neles as especificidades de cada escritor. Mas ao lermos esses textos podemos enxergar a presença da própria historiografia.

No caso da literatura brasileira, a trama de *Amar, Verbo Intransitivo*, 1927 representa um aspecto do imaginário social da sociedade paulista nos anos 20, que Antonio Candido reconhece como uma interpretação da realidade que dá conta de uma necessidade de expressá-la. Para ele, o romance

(...) exprime a realidade segundo um ponto de vista diferente, comparativamente analítico e objetivo, de certa maneira mais adequado às necessidades expressionais do século XIX<sup>22</sup>.

O romance literário permite que o autor tenha varias posições em relação a determinado tema que tenha aparecido no contexto histórico de qualquer momento. Os problemas sociais, os valores que surgem com a imigração de europeus, com a transição de uma economia capitalista que se julgava forte, foram fatores importantes que aparecem na produção literária do período, e o romance em questão seria um resultado positivo das contradições da época.

Segundo os principais críticos da literatura brasileira, Mário de Andrade, no romance *Amar, Verbo Intransitivo*, 1927 definitivamente contribuiu para a historiografia brasileira no sentido de tentar transformar o pensamento tradicional em relação à escrita e de instigar curiosidades a respeito da construção da identidade brasileira, como representação de um imaginário social. Nesse sentido, sobre a importância de se observar a

---

<sup>22</sup> CÂNDIDO, Antonio. "Aparecimento da ficção". In: *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 97.

construção das identidades e dos grupos sociais na narrativa historiográfica, e acrescentaria não só na historiografia, mas na literatura, Roger Chartier esclarece que

(...) Trabalhando assim sobre as representações que os grupos modelam deles próprios ou dos outros, afastando-se, portanto, de uma dependência demasiado estrita relativamente a História social, entendida no sentido clássico, a História cultural pode regressar utilmente ao social, já que faz incidir a sua intenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido "constitutivo da sua identidade."<sup>23</sup>

É importante ressaltar que, no início dessa pesquisa, pude perceber que a obra de Mario de Andrade tinha sido pouco analisada no campo das ciências humanas, principalmente pela História, mas, observei também que no campo da crítica literária, isso não teria ocorrido, ao contrário é possível abordar vários trabalhos. Portanto, em vista da produção encontrada no campo das letras e sob diferentes olhares, parece-me importante abrir um parêntesis para comentar e apresentar algumas discussões realizadas, através de trabalhos monográficos sobre a obra *Amar, Verbo Intransitivo*, daquele autor.

Em 1999, Dante Gatto realizou seu trabalho de mestrado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Assis. Sua pesquisa foi baseada no texto literário da obra, sob o enfoque da presença (do caráter vivo, da influência) do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Segundo o mestre e analista, a principal questão de seu trabalho está focada no idílio, conforme foi classificado o romance, principalmente no título. Dante Gatto ressalta particularmente que muitas “evidências demonstraram que o idílio em *Amar Verbo intransitivo* se dá no espaço do sonho Nietzscheano, sob o signo da origem da tragédia em que Nietzsche foi influenciado por Wagner e Schopenhauer.”<sup>24</sup>

Outro importante trabalho realizado é de Simone de Paiva Martins, que propôs analisá-la em sua dissertação, *Um Idílio em Tempos Modernos: a mobilidade das tradições em Amar, Verbo Intransitivo*, defendida em 1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo Simone de Paiva Martins, o tema central de sua dissertação era a leitura

---

<sup>23</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre prática e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990., p. 23

<sup>24</sup> MARTINS, Simone de Paiva. *Um Idílio em Tempos Modernos: as mobilidades das tradições em amar, verbo intransitivo*. Universidade do Rio de Janeiro 1999, p. 110.

do romance, partindo da análise e da discussão de referências do universo conceitual do autor, bem como de suas relações com uma reflexão maior sobre a cultura brasileira.

Para a autora, a reunião da leitura de toda produção artística de Mário de Andrade revela a existência simultânea de uma moderna consciência crítica ao lado de uma proposta de releitura das tradições culturais de Mario de Andrade. Para essa estudiosa, seria necessário que se partisse desse princípio, que a mim também parece central, na obra que estudei. Ela ressalta esses aspectos conflitantes, posto que

(...) o estudo pretendido seria situar o romance *idílio* como um espaço não só de experimentação e realizações que pressupostos estéticos e ideológicos de Mário de Andrade, mas também como um lugar marcado pela relação dialética com a tradição cultural dentro de um mesmo projeto de renovação artística.<sup>25</sup>

Ao longo de leituras que fiz da obra de Mario de Andrade, sem descartar a crítica literária, mas com base nos estudos da História, neste trabalho monográfico pretendo abordar questões que me intrigam, que me instigaram e instigam a pensar sobre personagens e tramas como representações de um imaginário social. Nesse sentido, procurei reler trechos dessa obra e recortei alguns enunciados, ou representações, que configuram identidades ou temas centrais, para observá-las como expressão de um certo tempo e lugar, com o auxílio das lentes teóricas da história cultural. Abordar essas representações construídas na pena do autor modernista é uma forma de pensar como “teriam em sua concepção, um fundo de apoio na concreticidade das condições reais de existência”, como assinala Sandra Jatahy Pesavento, quer dizer, percebendo que “as idéias-imagens precisam ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido para que tenham aceitação social, para que sejam críveis”<sup>26</sup>.

Na intenção de exercitar, portanto, a análise histórica como quem desvenda um enredo, desmonta uma intriga, buscando desvelar alianças, desejos ocultos, intenções mais ou menos claras para re-tecer a tessitura social, retomo essa peça da literatura tendo como ferramenta conceitual as noções de imaginário e de representação. É Pesavento que, mais

---

<sup>25</sup> *Ibid.*

<sup>26</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História. Representações*. Vol.15. N.29. São Paulo: Contexto/Anpuh, 1995, p. 22 (p. 9-28).

uma vez, contribui para essa análise, ao reunir um leque de historiadores e sociólogos para evidenciar que as “representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural”, isto é,

(...) no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente.<sup>27</sup>

O imaginário, portanto, é um campo de representações que se exprimem e manifestam por meio de imagens e discursos que configuram uma definição um desenho genérico e fluido da realidade. Funciona como alimento e tradução mental de uma realidade exterior percebida e se desenha em processos de abstração, entre eles, na operação do texto literário.

Literatura e historiografia são, portanto, discursos que exprimem, nutrem, evidenciam o funcionamento desse imaginário social. Assim, com a proposta de reunir essas narrativas, articuladas em termos de diálogos e reciprocidades, procuro me acercar de trechos da obra e de teorias da história, para lidar com imagens e sua realidade histórica e específica, que, segundo Baczko, “reside na sua existência mesma, no seu impacto variável sobre as mentalidades e os comportamentos coletivos nas funções múltiplas que elas exercem na vida social”<sup>28</sup>.

O que representam as personagens recriadas por Mario de Andrade? O que significam seus gestos, seus comportamentos, suas trajetórias? Que imagens estão construídas naquela trama e identidades sociais?

---

<sup>27</sup> PESAVENTO, S.J. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>28</sup> BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social. Einaudi. Anthropos*. Vol.5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 311.

## CAPÍTULO II.

### **Amar, verbo intransitivo: a construção das identidades, da família e das relações sociais**

O livro narra a história de Elza, ou *fräulein*<sup>29</sup>, uma alemã contratada como governanta por uma família da burguesia industrial paulistana, na pessoa do chefe de família, Felisberto Souza Costa<sup>30</sup>, para iniciar sexualmente seu filho adolescente, Carlos Alberto Sousa Costa.

Aparece construída / representada na obra de Mario de Andrade, a família Souza Costa, católica, proprietária de terras no interior de São Paulo e indústrias de tecidos no Brás. Trata-se de família nuclear, economicamente bem colocada, que desfrutava das rendas no campo e da cidade, isto é, detinha o poder representado pelas propriedades rurais e aquele referente ao investimento industrial, que a vinculava com o capital e o projeto moderno e civilizador. A família morava na Capital paulista com sede no bairro Vila Laura, na Avenida Higienópolis, sendo que era Souza Costa, o esposo e pai, que cuidava dos negócios da família.

De acordo com a descrição do patriarca na pena do escritor, Sousa Costa, o pai, gostava de usar nos cabelos e bigodes um pouco de brilhantina: “(...) aliás, todo ele era um cuité de brilhantinas simbólicas”, vinha de portugueses e “de Camões herdara ser fêmeiro

---

<sup>29</sup> Elza é o nome da personagem alemã, também designada como *fräulein*. Trata-se de termo em alemão que significa senhorita, e é um designativo honorífico para mulher solteira. Termo comparado ao Miss, do inglês. É uma forma diminutiva de Frau, esta reservada para mulheres casadas. Significativamente, o autor se serve da forma de tratamento e não revela o sobrenome da personagem. Tradução em: [www.babylon.com/definition/Fräulein/Portuguese](http://www.babylon.com/definition/Fräulein/Portuguese). Acesso em: 01/02/2011.

<sup>30</sup> Ao contrário da personagem feminina, o chefe de família é designado pelos sobrenomes Souza e Costa, distintivos de seu lugar social superior.

irredutível”. Aumentara as fábricas de tecidos e, sem muito entusiasmo, dedicou-se à criação do gado. Representava a família de elite e o empreendedor nas duas direções.

D. Laura ou “Senhora Sousa Costa”, assim chamada no romance, era uma mãe protetora que se preocupava com a educação dos filhos, mas ao mesmo tempo parecia desligada com a rotina da vida. Mesmo meio desligada da vida política, e dos negócios da família, era figura de mulher exemplar, dedicada ao cumprimento dos papéis de esposa e mãe, mantendo hábitos e costumes tradicionais: com cabelos negros, costumava colocar penteadores e vestidos de seda muito largos; era maior que o marido e vinha de família religiosa, por isso fazia questão que os filhos aprendessem catecismo, principalmente as meninas, a quem dedicava especial atenção nos detalhes da educação.

De modo geral, Dona Laura não abria mão da educação dos filhos, e dizia que Felisberto não se importava de gastar com isso. As meninas eram três, Maria Luisa com doze anos, Laurita com sete e Aldinha com cinco anos. Seguiam o padrão de educação orientado pela mãe, considerado o tradicional, ou seja, uma educação voltada para as prendas do lar, com incentivos para aprender idiomas da língua inglesa, francesa, alemão e até ter aulas de piano, que à época era uma prática que distinguia nas famílias das elites a boa educação.

Carlos Alberto Sousa Costa era o filho mais velho dos quatro irmãos. Tinha quinze anos de idade e não se comportava como um adolescente, aos olhos da mãe, que o considerava ainda criança, e, muitas vezes trazia consigo um jeito faceiro de moleque, ou menino. Essa fase de transição, tal como construída no romance, era motivo de preocupação para os pais, particularmente o pai, já que o menino se apresenta mais como criança do que um adolescente. “O menino agarrara a irmã na boca do corredor brincalhão, bem disposto como sempre. E machucador”<sup>31</sup>.

*Fräulein*, como costumavam chamar Elza na família, a protagonista do romance, parecia um ser humano dividido entre razão e emoção. O lado racional e pragmático da governanta buscava justificativas para a profissão de professora de piano, mas também de amor ou de sexo, mas além da prática de governanta que lhe dá o sustento, é o lado

---

<sup>31</sup> ANDRADE, Mario de. *Op. cit.*, p.75

emocional que a faz se entregar à tarefa, já que ela alimenta um sonho de voltar para a Alemanha que abandonara depois da Primeira Guerra Mundial, e, no fundo, realizar o desejo de se casar com o homem de seus sonhos.

O romance trata da vida cotidiana de uma família da burguesia paulista, uma família que tem maneiras identificadas com o atraso, e aspirava ser reconhecida por costumes refinados, tais como os gestos educados à moda européia, o domínio do francês e do piano, e a contratação da tutora alemã era a forma encontrada para elevar a família ao padrão de civilidade identificado com o mundo burguês, e era oportuna, já que o pai conseguiria, de forma dissimulada, contratar a mulher, também como uma especialista em sexo para iniciar o filho nas práticas do amor e da adolescência, de acordo com o modelo do patriarcado moderno e atualizado. Essa preocupação se exprime na fala de Sousa Costa, o pai, que não admite que seu filho conheça as práticas do sexo por meio das mãos e do corpo de uma aventureira qualquer que pudesse tirar vantagens daquela situação.

No Brasil da época, a família e a educação eram vistas como de extrema importância para as elites, particularmente para aqueles que se identificavam com classe burguesa. Podemos perceber nitidamente na obra o valor que tem a educação na casa dos Sousa Costa, já que Laurita, Maria Luisa, Aldinha e Carlos acompanhavam o rigor do horário e da disciplina nas aulas da tutora de língua estrangeira e nas aulas de piano, como parecia ser fundamental para preparar as crianças das elites para o futuro, no caso das meninas, para um bom casamento. Em relação ao menino, Carlos, os pais não deixavam de enfatizar que aquelas aulas eram preparatórias para o curso superior e o mundo no trabalho, já que ele também deveria cursar faculdade.

Para Carlos, a educação parecia ser de pouca valia, mas não discordava das regras que seu pai ditava. Ele não queria ser advogado, desejo do pai. Se ele lhe desse uma de suas fazendas, pensava que já seria o suficiente para ele sobreviver. Para Sousa Costa, além da preparação para a vida profissional, era importante preparar o filho para ser bem sucedido no trabalho, mas também no comando da família, do sexo, e da prole. A iniciação sexual também fazia parte da educação de seu filho e a imposição para que ele estudasse direito não era costume tradicional apenas naquela família, mas no conjunto de famílias brasileiras, que se queriam distinguir entre as elites dirigentes.

A partir dessa necessidade de Carlos, talvez maior ainda do pai, o industrial contratou Elza que passaria a morar com a família, ensinaria o francês, o piano e, o que não era menos importante, iniciaria o filho varão na vida sexual. Para as crianças, a governanta impôs que a chamassem de *Fräulein*, termo que quer dizer protetora, cuidadora, mas naquele contexto a palavra *Fräulein*, realmente queria dizer moça? Dessa forma, Mário de Andrade explica somente que Elza é *Fräulein* e que era uma governanta, ou professora, da família Souza Costa.

A família Sousa Costa segue um modelo tradicionalista que não é incomum entre as elites urbanas no país, pelo menos na cidade de São Paulo daquele tempo: família bem sucedida, com propriedades, fazendas e indústrias. Uma família de posses, cujas rendas provinham de atividades rurais e urbanas, com costumes antigos e modernos, ou seja, que apesar das marcas da tradição que não queria perder, preparava os filhos para o progresso, a vida no futuro e na modernidade. A trama começa assim que Elza entra na casa da família como uma perfeita governanta que iria “governar” a casa, aquele mundo privado, mas estava ali especialmente para educar os filhos da família tradicional que se queria burguesa.

A alemã sabia perfeitamente qual seriam suas obrigações dentro daquela casa, entre elas, iniciar sexualmente Carlos, porém, para o restante das pessoas daquela família, ela seria apenas uma governanta agradável, simpática e com vasta cultura, mas, o pai, Felisberto Sousa Costa tinha tudo muito bem arquitetado, planejado, na sua cabeça, no sentido de que *Fräulein* teria entrado naquela casa como professora do amor. Se no primeiro momento a alemã era acolhida como uma distinta governanta e apresenta-se como tal, a narrativa não esconde aquele papel ambíguo, ou seja, o fato de que ela deve prestar atenção em Carlos, ensina-lo a ser homem, essa que era a finalidade última (ou primeira) de seu trabalho.

Elza dava aulas de alemão e piano para Carlos e suas irmãs, essas estavam sendo preparadas para se tornarem perfeitas donas de casas, ou seja, seguirem os passos da mãe, de forma ainda aprimorada. Mas para isso, era preciso seguir os costumes, hábitos e tradições daquela classe, daquele padrão de família, e daquela época. Durante as aulas é que surgiam as conversas e olhares entre Carlos e *Fräulein*, era naquele intervalo que ela começa a conhecê-lo e passa a representar algo para ele. É interessante pensar como essa

relação surge, pois Carlos possui apenas quinze anos. Por exemplo, para sua mãe, desligada ou ingênua, ele ainda se encontrava na condição de criança.

O que levaria Carlos a se interessar por *Fräulein*, nem ele mesmo saberia, pois para o autor, ela não tinha características físicas tão perfeitas ou adequadas, como uma jovem da idade dele. No trecho a seguir, o autor assinala:

(...) não é clássico nem perfeito o corpo da minha *Fräulein*. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual. Longe, porém daquele peso divino dos nus renascentes italianos ou daquela sensualidade das figuras de Scopas e Leucipo.<sup>32</sup>

Poderíamos entender que a narrativa faz uma alusão às características físicas da governanta alemã, estabelecendo uma comparação com o modelo de figura feminina que se divulga entre os padrões masculinos de beleza em voga na realidade brasileira, mas também não deixa de ser uma crítica que Mário de Andrade faz aos corpos de mulheres européias e ao padrão de beleza estabelecido pelos europeus.

Era nas lições que ela ministrava ao jovem varão que acontecia o clima de sedução e, com simples pretexto de corrigir suas tarefas, ela se colocava diante dele, como se estivesse oferecendo algo em atitude provocadora, embora sempre de forma doce e sutil. Por exemplo, em uma dessas descrições, o autor constrói a seguinte encenação:

(...) O rosto se apoiou nos cabelos dele. Os lábios quase que, é natural, sim: tocaram na orelha dele. Tocaram por acaso, questão de posição. Os seios pousaram sobre um ombro largo, musculoso, agora impassível escutando.<sup>33</sup>

A governanta se aproveitava das lições para realizar o objetivo maior de seu trabalho naquela casa, e a sensualidade dela encantava o jovem Carlos, mas, às vezes, parecia que ele se sentia acuado, ou talvez ainda estivesse tímido. Com o passar do tempo, Carlos ficou diferente e não parecia mais aquele menino engraçado ou aborrecido. Esta

---

<sup>32</sup> ANDRADE, Mário de. Amar, Verbo Intransitivo: Idílio: Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 30.

<sup>33</sup> Ibid., p.53

situação começava a preocupar sua mãe, que desconfiava que algo não estivesse certo com ele.

(...) Esperou. Dona Laura mal respirava nervosa, não sabendo principiar.

- É por causa do Carlos.

- Ah... Sente-se.

- Não vê que eu vinha lhe pedir, *Fräulein*, pra deixar a nossa casa. Acredite: isto me custa muito porque já estava muito acostumada com você e não faço má idéia de si, não pense! Mas... creio que já percebeu o jeito de Carlos... ele é tão criança... Pelo seu lado, *Fräulein*, fico inteiramente descansada... Porém esses rapazes... Carlos...

<sup>34</sup>

“Porém esses rapazes...”, comenta a mãe, como se quisesse proteger a governanta. Mas é interessante pensar que a mãe, ao falar do filho, demonstra um cuidado excessivo, exagerado talvez, ela que tenta proteger sua cria dos males da vida, ainda o vê como uma criança, por outro lado, consegue ver que Carlos está crescendo e que se afasta de seus cuidados.

Contudo, Elza explica a dona Laura que o seu trabalho tinha sido contratado pelo marido dela e, diante da situação de mal-estar da mãe em relação ao filho e à governanta, resolvem procurar Sousa Costa na biblioteca para obterem maiores esclarecimentos. Não apenas naquele momento, ele usou do artifício, mas costumava usar, qual sejam, os negócios, a vida agitada, para se desculpar com *Fräulein*, e também usava todos os argumentos para convencer a esposa de que a governanta seria um bem necessário. Para justificar a presença da alemã e suas intenções em relação a ela, o marido diz a sua esposa.

(...) você sabe: hoje esses mocinhos... é tão perigoso. Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois isso de principiar... é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! Não é só bebidas, não! Hoje não tem mulher-da-vida que não seja eterômana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Ibid., p.54.

<sup>35</sup> Ibid. p.54

São explicações que não pareciam esclarecer a mulher, já que não pareciam estar de acordo com a profissão ou a atividade que ela esperava da alemã. Ela, em especial, não se sentiu à vontade com tais explicações e, segundo a mesma, o amor deveria ser ensinado por completo, “o amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras”.

Depois da volta de uma viagem do Rio de Janeiro que começam os encontros de Elza e Carlos. Ela descobre, nesses encontros, as preferências dele, brasileiras e isso a deixa desiludida. Aquele trabalho estava chegando ao fim e Elza sabia disso, mas Carlos, ainda estivesse vivendo a melhor fase de sua vida, não sabia o que ela realmente tinha ido fazer em sua casa, ou seja, que o alvo principal do trabalho dela era ele.

Mas aqueles momentos que pareciam encantados para Carlos seriam interrompidos com certa violência, ou seja, seria uma ruptura drástica na vida dele. Mas, de certa forma, aos poucos Carlos saberia contornar aquela situação e Elza teria oportunidade de vivenciá-la. Assim o autor coloca

(...) Entre Sousa Costa e *Fräulein* se convencionara desde o princípio que aquilo não podia acabar sem um pouco de violência. A maior lição estava mesmo no susto que Sousa Costa pregaria no coitado.<sup>36</sup>

Assim, naquela noite, cumpriu-se o desejo do pai. Carlos estava no quarto com *Fräulein* e seu pai entrou estupidamente, tornando a situação um pouco embaraçosa para o filho. O flagrante foi realizado, rompeu-se com aquele indesejável (ou desejável, dependendo do ponto de vista) romance. *Fräulein* sentiu-se como se chegasse ao fim da missão, sentiu-se com o dever cumprido, não lhe restava outra coisa, a não ser receber pelo seu trabalho e ir embora, enquanto para Carlos restava um sentimento de desilusão.

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 127.

## Identidades, tensões, valores em relação no seio da família paulista

É interessante ressaltar a origem de Elza, uma imigrante de origem alemã que veio para o Brasil com o objetivo de ascender social e economicamente e voltar para a sua terra. Segundo a narrativa, a governanta era uma mulher diferente das brasileiras das elites, pela atitude de independência, pela cultura, pelos modos considerados civilizados, e também por um comportamento menos rigoroso em relação ao papel feminino e à sexualidade fora do casamento: o escritor a descreve como um indivíduo com um nível mais elevado de moral e politização, e percebemos esses traços nas características demarcadas pelo escritor.

Com a vinda desses imigrantes, percebe-se que houve no decorrer do processo histórico uma importante mistura de tradições, culturas e hábitos. É claro que certos imigrantes preferiam permanecer sem qualquer interesse em incorporar costumes de nossa terra. A protagonista da trama de Mário de Andrade, *Fräulein*, de certa forma, tentava se adaptar, mas parecia não se acostumar com a cultura daqueles “novos ricos”, Assim, coloca Mário de Andrade que

(...) *Fräulein* não podia se sentir a gosto com aquela gente! Podia porque era bem Alemã. Tinha esse poder de adaptação exterior dos alemães, que é mesmo a maior razão do progresso deles.<sup>37</sup>

Podemos pensar na perspectiva de adaptação como uma necessidade da protagonista diante da situação que ela se encontrava, mas também não é possível pensar que ela tivesse essa facilidade de se adaptar ao convívio dessa nova classe emergente. Ressaltava a seus olhos o choque entre as culturas, os modos de família católica e aspirante ao desenvolvimento segundo o padrão burguês de comportamento, ou seja, preocupada em conhecer os modos europeus. Quando falo em desenvolvimento, seria na perspectiva de pensar que no Brasil, a idealização de família começa justamente no século XIX, em meio à herança de práticas (inclusive domésticas) do trabalho escravo, e que o modelo de família

---

<sup>37</sup> ANDRADE, Mário de. Amar, Verbo Intransitivo: idílio: Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 32

européu e burguês começa a ser introduzido com os novos padrões de pensamento. Como afirma Ângela Mendes de Almeida,

(...) se não houve uma poderosa classe burguesa que tivesse gestado, junto com os novos parâmetros de pensamento, uma nova forma de encarar a família, no entanto essa nova mentalidade chegou ao Brasil. Desembarcou pelos navios, tal como chegaram o liberalismo, o positivismo, o higienismo, o cientismo e todos os ismos que caracterizaram, durante o século XIX, aquela “civilização” burguesa e moderna que se gestou sob a égide do pensamento burguês.<sup>38</sup>

É nesse contexto histórico de conflitos e mudanças das mentalidades que o Brasil vai absorvendo um novo modo de vida que se exprime no cotidiano, nos hábitos, no gosto estético. Ou seja, são mudanças que se exprimem nas sociabilidades e também através da pintura, dos artistas, da música, da literatura, dos imigrantes e dos próprios brasileiros que retornavam da Europa e que traziam essa nova visão de sociedade.

É interessante ressaltar que os próprios médicos e higienistas trouxeram essa nova forma de mentalidade. Assim, assinala Ângela Mendes de Almeida, que

(...) um conjunto de novos princípios, novas modas, novos procedimentos de estar em sociedade e em família, novos ideais público e privado. Os médicos e higienistas foram os principais veiculadores dessa nova mentalidade “<sup>39</sup>

A questão da medicina higiênica no Brasil torna-se importante nesse processo de modernização, pois até o final do século XIX não existia um planejamento de saneamento básico, nem nas cidades e principalmente no interior do país. Esse planejamento foi criado em 1851 com uma junta central de higiene, pelo decreto, 828. Na República, seria ainda mais evidente a intervenção da medicina na estrutura administrativa e política do Estado e dos municípios a fim de construir uma nação “moderna” e “civilizada”. É interessante pensarmos como era a saúde dessa população, porque se na capital ou mesmo São Paulo, o

---

<sup>38</sup> MENDES, Ângela Almeida de. Texto reelaborado a partir de conferencia apresentada no XVI Congresso Brasileiro de Economia Domestica, Mesa Redonda “Uma Visão Multidisciplinar da Família Brasileira”, organizado pela Associação Brasileira de Economistas Domésticos (ABED) e pelo Conselho Federal de Economia Domestica, com o apoio da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG). 12/09/2001 “Historiadora, Professora aposentada do CPDA/ICHS/UFRRJ.

<sup>39</sup> Ibid., p.8

serviço era de qualidade deficiente, é possível imaginar como seria nas cidades do interior do país...<sup>40</sup>

A medicina e a higiene eram já um sinal da sociedade que se organizava em outros termos, e de autoridades políticas voltadas para a construção da população, da família e da nação. A classe burguesa e o pensamento científico e racional norteavam as mudanças socioeconômicas que se pretendia implantar com vistas ao progresso e ao desenvolvimento nacional. Embora fossem resultantes da preocupação das elites sociais e políticas, as mudanças implantadas, direcionadas para as elites e a nação brasileira, de certa forma beneficiavam também as outras camadas. Como afirma Maria Regina Cotrim Guimarães, “a ordem moral, intelectual e social médica foram dirigidas para a burguesia. A higiene era para a elite. Logicamente que essas práticas transbordavam para as outras camadas sociais”<sup>41</sup>.

A educação pública era deficiente e as famílias de posses costumavam encaminhar seus filhos para instituições ligadas à Igreja Católica. Para o Estado, a família é uma instituição social que seria base importante de sustentação, mas também a Escola passa a ter um valor importante para a promoção do conhecimento, dos valores morais, do desenvolvimento da família e do país. Essas instituições de ensino estabeleciam regras de condutas que teriam que ser seguidas pelos alunos e também disciplinava os pais e responsáveis, os últimos passariam a respeitar tais condutas, independente de serem pais, tutores, curadores e protetores. Sobre o assunto, assinala Adriano Ribeiro Paranhos, que

(...) a escola, assim, recrutava os alunos e os pais para os novos moldes exigidos socialmente. É interessante notar que para matricular um filho em instituições de ensino (particular ou pública), as famílias deveriam estar enquadradas no modelo familiar estabelecido pela moralidade religiosa, a família entendia como regular, pai, mãe e filho. Era um tipo ideal<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Sobre a ordenação social, a família e a medicina higiênica, ver: COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

<sup>41</sup> GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Os manuais de medicina popular do império e as doenças dos escravos: o exemplo de Chernoviz. COC/FIOCRUZ. In: Revista latino-americana de psicopatologia fundamental. Volume 11. nº. 4. 2008. Disponível em: mhtml:file://G. HISTÓRIA DA IDEIA DE FAMÍLIA NA PASSAGEM À MODERNIDADE. Acesso em 02/01/2010.

<sup>42</sup> PARANHOS, Adriano Ribeiro. Historia da Idéia de Família na Passagem à Modernidade do Brasil: Educação, Medicina e Religião. In: mhtml: file: //G; HISTÓRIA DA IDEIA DE FAMÍLIA NA PASSAGEM

Assim também era constituída a família Sousa Costa na obra de Mario de Andrade, que representava um modelo de família da elite na capital paulista. Como podemos notar, essas particularidades da vida moderna vão sendo adaptadas por essas famílias que começam a emergir tanto social como financeiramente.

É interessante pensar que estas são transformações que aconteceram nesse período, considerado moderno. Essa concepção de uma nova família, bem como a importância dela como instituição para o Estado é evidente na época e explícita, na verdade, a introdução desses novos valores ditados pelo próprio Estado. Saúde, escola e família aparecem como alvo do interesse normativo do Estado. Pensando nessa perspectiva de adquirir novos valores, Adriano Ribeiro Paranhos coloca que,

(...) a questão da higiene introduz um novo ponto nessa altura do trabalho: O Estado brasileiro em processo de modernização e sua atuação junto a famílias pelos ditames médicos. Para tanto o Estado não abriu mão da instituição escolar como propagadora de idéias, regras e novos costumes<sup>43</sup>.

A partir dessas novas informações, das mentalidades construídas por influência de modelos educacionais e científicos europeus, particularmente franceses, e pela ação desse processo modernizador, percebemos que, gradativamente, foram introduzidos e elaborados na sociedade paulista, em particular, na classe burguesa emergente, novos valores sociais que se atrelam aos hábitos e costumes dessa sociedade, mas que, de certa forma, deslocam ou conflitam com alguns dos velhos hábitos que estavam identificados com o passado colonial e escravista.

Podemos perceber que esses traços da modernidade estão presentes no contexto histórico da sociedade paulista, e que Mario de Andrade faz uma representação social retratando aquela realidade ambígua e conflituosa no romance. Essa perspectiva nos permite entender que a representação construída é reveladora de gestos, comportamentos ambivalentes ou de indivíduos que viveram naquele tempo e lugar. Assim, como define

---

À MODERNIDADE. p. 2 de 10. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/ijv7P-TK/AdrianoRibeiroParanhos2html>. Acesso em: 02/01/2011.

<sup>43</sup> Ibid. p.5 de 10

Denise Jodelet, “a representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nela se manifestam”<sup>44</sup>.

É importante lembrar que Mário de Andrade foi um intelectual consciente dos problemas culturais e sociais do seu tempo, preocupado em difundir uma nova mentalidade na perspectiva do romance literário, e empenha-se na difusão dos valores citadinos. Antonio Celso Ferreira ressalta que ele é um dos que vivem imersos em “uma interessante contradição, pois muitas daquelas obras são elaboradas por intelectuais urbanos, empenhados na difusão de valores citadinos, orgulhosos do progresso e do dinamismo da época em que viviam”<sup>45</sup>.

No texto literário de Mário de Andrade, percebemos que o romance foi uma nova forma de apresentar as suas inquietações em relação às normas tradicionais e conflitos presentes na família e no contexto histórico de seu tempo. A partir dessa relação entre a história e a literatura, percebemos que a sociedade paulista dos anos 20 se modernizava e adotava novos valores, não sem tensões e distensões, valores que estavam sendo modelados, importados ou construídos também para significar aquela concepção de sociedade “moderna”, tal como se queria construir.

As identidades, portanto, inclusive aquelas construídas no romance moderno, exprimem o funcionamento imaginário daquela sociedade. Uma sociedade de uma nação recém-formada, que procura modelos europeus para desenvolver-se, ou seja, forja alguns de seus hábitos e costumes que se misturam com a chegada do imigrante europeu. Tanto as mulheres como os homens, sobretudo das elites, se deixavam levar pela introdução da moda trazida de Paris.

Tais imagens identitárias movimentam a trama do escritor e aparecem no romance, todas elas, não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também de raça, classe, nacionalidade, marcadas pela faixa etária, pelos costumes naturalizados ou não. Assim, elas

---

<sup>44</sup> JODELET, Denise. Representações Sociais: Um Domínio em Expansão. In: Denise Jodelet. (org). As representações Sociais. Rio de Janeiro/Ed. UERJ, 2001, P. 27

<sup>45</sup> FERREIRA, Antonio Celso. A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 19

“constituem os sujeitos, na medida em que são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (...)”<sup>46</sup>.

Se pensarmos na perspectiva do gênero como simples diferença que define binariamente os corpos na sociedade, não seria possível observar que as duas personagens, *Fräulein* e Dona Laura são bastantes diferentes uma da outra e nesse sentido, buscamos entender o que significam as identidades criadas naquela circunstância histórica, sob a visão do autor. Para isso, o gênero serve como categoria útil de análise, tal como ensina Joan Scott, que permite observar como se estrutura um “saber a respeito das diferenças sexuais”, ou ainda, “saber que estabelece significados sociais para as diferenças corporais”<sup>47</sup>.

Como se organizam os costumes e valores naquela sociedade? Como se exprime o preconceito? Como se exprimem desejos, aspirações, julgamentos morais, hierarquizações e localizações sociais? Mas levando em consideração o preconceito da sociedade, percebemos que gradativamente há uma introdução de novos valores, hábitos e costumes que são importados de outros países modernos.

Diga-se de passagem, podemos dizer que servem de espelho para parte da sociedade brasileira dita dominante. Portanto, diante dessa circunstância, por não ter certa influência na sociedade, a personagem *Fräulein* desperta alguma desconfiança, admiração e, também, ciúme, ao menos do ponto de vista de Laura, a dona da casa.

*Fräulein*, ou Elza, na obra de Mario de Andrade, é uma representação de mulher estrangeira que reside no Brasil e confronta com os costumes da família brasileira. Seu comportamento revela diferenças no ser mulher, e isso também se exprime com base em sua nacionalidade, nos valores que aparecem em suas atitudes, seu comportamento singular ao aceitar aquela missão, desviante ou aceito, estimulado pelo patriarca. Mas interessa, aqui, analisar e não julgar a sua diferença, ou seja, observar as condições históricas que permitem que a personagem seja lida, e entendida, verossímil naquele contexto histórico e social, em relação com os demais personagens masculinos e femininos.

---

<sup>46</sup> LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. *Op. cit.*, p. 9.

<sup>47</sup> SCOTT, Joan. Prefácio a gender e politics of History. In: Cadernos Pagu. [3]. Campinas, Unicamp, 1994, p.12-3.

Na obra podemos perceber uma dupla perspectiva e pensar, sim, nas mulheres – tanto a estrangeira quanto a brasileira - enquanto sujeitos participativos da vida social, econômica e cultural nessa sociedade, pois de alguma forma elas, ainda que inseridas na família de diferentes formas, no recato do lar, parecem capazes de promover mudanças na sociedade mesmo estando, em geral, submetidas ao regime da família católica, burguesa, e ao não menos tradicional patriarcalismo da época em questão.

Mas, por outro lado, essas imagens de mulher, nesse início da década de 20, parecem exibir valores que estão em conflito e também em movimento, e suas falas, seus atos representados no texto literário nos permitem ler, perceber e analisar algumas contradições presentes na obra, e naquela sociedade.

Trata-se de duas imagens de mulheres que, se colocadas lado a lado, são bastante diferentes econômica e financeiramente, culturalmente, moralmente. Uma é mãe de família, recatada, protetora, voltada para as prendas do lar e a educação dos filhos, e que fica à disposição do marido e da família religiosa, principalmente das meninas, de acordo com a moral católica.

Outra, *Fräulein*, é estrangeira, trabalhadora, tem competências e sua própria renda, é professora de alemão, francês e piano, e também professora de amor e sexo. Ela, segundo o escritor, tinha um poder de adaptação que seria uma característica própria do alemão. Não tinha corpo perfeito e não era bonita aos olhos do patriarca (e na imaginação do escritor), mas tinha traços muito regulares. “O que mais atrai nela são os beijos, curtos, bastante largos, sempre encarnados. E inda bem que sabem rir: entremostam apenas os dentinhos dum amarelo sadio, mas sem frescor. Olhos castanhos, pouco fundos. Se abrem grandes, muito claros, verdadeiramente sem expressão.”<sup>48</sup>

No entanto, as imagens de mulher se encontram em um ponto importante, já que, além de serem localizadas no lugar do feminino na família e na história, ambas parecem possuir os mesmos ideais: o casamento parecia ser um fim e um valor primordial em suas

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 30

trajetórias. Como ensina Tânia Navarro Swain, as representações e as relações sociais têm uma historicidade, mostram que o importante é aquilo que damos importância. Além disso:

(...) o sujeito composto em gênero nas relações sociais se auto-representam mulher ou homem. Mas essa subjetivação incide, por sua vez, na representação social, o que abre a brecha, a oportunidade para a transformação.<sup>49</sup>

Nessa pesquisa, procuro observar alguns jogos na obra de Mário de Andrade que evidenciam representações no cotidiano, ou seja, identidades sociais que exibem a representação de uma família patriarcal paulista nos anos 20 do século XX. A performance aparece encenada pela família Sousa Costa. Seria este o modelo ideal de família das elites brasileiras? Seria o modelo comum de família das elites paulistas? Quais os sentidos que se exprimem nas relações de sexo-gênero e amor e nos comportamentos dessas personagens?

---

<sup>49</sup> SWAIN. Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino. In: *Revista Textos de História. Feminismos e Perspectivas*. Revista do PPGHIS/UnB. Vol 8, N1/2, 2000, Brasília/DF: EdUnB, [pp.47-85] p. 78 .

## CAPÍTULO III.

### **Sexo, gênero, sexualidades e representações do amor**

Acompanhar a construção de imagens do feminino na obra de Andrade é também uma forma de compreender como operam as representações e práticas inscritas nos discursos da e sobre a sociedade paulista da época, isto é, “como operam saberes e poderem instituidores das relações de gênero e, ao mesmo tempo, também, por elas instituídos”<sup>50</sup>. Ao perceber o texto como expressão e construção de corpos e comportamentos femininos, segundo modelos de conduta e de mulher informados pelo padrão de cultura ocidental, cristão, pautado na direção de uma expectativa de progresso, modernidade e civilização, recorreremos à historiadora Diva Muniz. Ela observa que nos discursos, representações e saberes “aparecem incorporados referenciais que apontam para a masculinidade e a feminilidade como posições de sujeito e para o caráter múltiplo e multifacetado das relações sociais”<sup>51</sup>.

Dona Laura e Elza são personagens que representam duas mulheres, uma brasileira e outra alemã, em torno de localizações de gênero, nacionalidade e classe, no romance que trata da sociedade paulista, mais especificamente na instituição familiar. O romance expõe relações que nos remetem a valores que exprimem diferentes religiões, condutas, visões de mundo no interior da família da elite paulista, revelando concepções de educação, comportamento, sexo e sexualidade, e principalmente tensões correntes e um padrão de família “moderna” que o autor quer comunicar. Embora ambas sejam reconhecidas pelo sexo e/ou gênero feminino, elas têm papéis e experiências bem diferentes na trama e são

---

<sup>50</sup> MUNIZ, Diva do Couto. *Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892)*. Brasília: Finatec/EdUnB, 2003, Introdução.

<sup>51</sup> Ibid.

essas características que as definem como mulheres, embora de diferentes procedências e características que nos interessam analisar.

Sobre as duas mulheres, e suas diferentes imagens e atuações, é possível estabelecer comparações significativas. Muniz cita Alejandro Carson para mostrar que “apesar de viverem sob uma lógica opressiva comum – a de gênero -, não compartilham (...) ‘a mesma experiência de opressão, uma vez que a classe a qual pertencem determina essa vivência tanto em nível material como no imaginário’”<sup>52</sup>.

Não apenas a classe social, mas também o próprio *status*. Elza é solteira, alemã, ou seja, de procedência européia, e representa os costumes europeus, considerados educados e modernos. Laura é brasileira, mãe, protetora, preocupada com a educação dos filhos. Assim, buscando compreender como se construíram as relações de gênero e as constituições de sujeitos/identidades sociais, é possível observar, à luz do texto literário, a operação dos valores, gestos de consentimento e/ou de transgressão, formas peculiares de agir, ser e existir naquela sociedade, papéis sociais prescritos, re-escritos ou dissonantes, mais ou menos tradicionais. Nos pequenos gestos cotidianos, é possível ler especificidades daquela formação social, daquele momento histórico, das lutas políticas que a obra possibilita pensar e imaginar e, particularmente o desenho de diferenças que se contornam no texto e exibem a sociedade na ficção do autor.

Fazendo essa reflexão sobre a obra de Mario de Andrade, percebemos que seu discurso crítico faz com que os leitores possam refletir sobre aquela sociedade e que a moral e “bons costumes” da família patriarcal brasileira estão ali descritos, ou representados. Qual a posição social desses sujeitos que habitam a família, que demonstram diferentes atitudes, concepções morais, gestos - e juntos representam a família e a sociedade brasileira?

Instiga-nos a questão da personagem Elza, com tantos dons e habilidades para ser uma senhora distinta, aspirante a pertencer à classe dominante, como o autor a coloca como

---

<sup>52</sup> CARSON, Alejandro C., Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. In: *Cadernos Pagu*. Campinas/Unicamp/NEG, n.4, 1995, p.202. Apud MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Op.cit.* Introdução.

objeto do desejo masculino, em uma relação que não poderá ser realizada concretamente, ou que não terá um desdobramento naquela sociedade? Não podemos esquecer que ela trazia consigo um grande desejo – do casamento -, mas serve na família para introduzir o varão na vida sexual, embora na trama pareça apaixonar-se pelo rapaz a quem devia apenas ensinar o amor. Ela se sente traído a outra mulher, Laura, a quem gostaria de esclarecer seu papel naquela família e pretende justificar o que reconhece como uma “profissão” e uma escolha séria. E, desde o primeiro momento, quer que a respeitem naquela função, tal como observamos a seguir:

(...) É preciso avisá-la. Não me agradaria ser tomada por aventureira, sou séria. E tenho 35 anos, senhor. Certamente não irei se sua esposa não souber o que vou fazer lá. Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão.<sup>53</sup>

Elza estava consciente e, embora considerasse uma “fraqueza”, queria esclarecer à esposa sobre o motivo que a mantinha no interior da casa, convivendo com aquela família. Mario de Andrade retrata através desta obra a vida, os costumes, hábitos e regras postas por uma sociedade que na década de 20 vive a efervescência de uma suposta modernidade, que se contradiz com costumes e hábitos que perduram até os nossos dias. O padrão de mulher recatada, que serve para mãe e esposa, ainda era bem distinto do padrão de mulher que pudesse exercer a sexualidade sem o compromisso do casamento.

Os modelos de mulher contornados no romance permitem, portanto, proceder à análise das identidades sociais com base na categoria gênero, ou seja, perceber homens e mulheres em relação na cultura, para além de uma

(...) essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras dos discursos / saberes instituintes.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> ANDRADE, Mário de. *Op.cit.*, p.19.

<sup>54</sup> RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam et al. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis/SC: Ed. Mulheres, 1998, [21-42],p.27.

Como ponto de partida desse romance, Andrade busca retratar uma família brasileira tradicional de São Paulo na década de vinte, mas a narrativa mostra contradições existentes nessa sociedade. Aquela família que encena um padrão de família burguesa traz o a dominação inquestionável do patriarca que provê e comanda os acontecimentos, a mãe procriadora e as filhas que se exercitam para se tornarem boas donas de casa e também procriadoras da família e da nação brasileira. O filho que também é educado para tornar-se o patriarca do futuro, civilizado, precisa conhecer os negócios, mas antes precisa ter competência para o sexo, que garante também a dominação da família que ele for construir. A alemã que, educada com outros valores, poderá instruí-lo, enquanto aparentemente, para justificar sua permanência no seio daquela família, também ministra aulas de línguas, piano, e dos modos europeus, imprimindo à família brasileira comportamentos civilizados, ou distintivos, considerados europeus, por isso superiores. Na figura da mãe e das filhas meninas, paira o ideal católico de pureza, cuja imagem central é a Virgem Maria, referência para o comportamento de mulher pura e a educação assexuada. Como assinala Rago,

(...) identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem.<sup>55</sup>

Assim, entre a “santa assexuada mas mãe, que deu origem ao homem salvador da humanidade que padece no paraíso do lar (...)” e a “pecadora diabólica, que atrai para as seduções infernais do submundo os jovens e maridos insatisfeitos”<sup>56</sup>, o romance constrói e a outra mulher, Elza, a estrangeira. A arte de amar na literatura de Andrade e na “nova” família paulista era, portanto, um serviço contratado a uma mulher europeia, para não se servir do serviço prestado pelas nacionais (ou até mesmo estrangeiras do ramo da prostituição), cujos corpos e experiências estavam condenados pelos discursos da medicina higiênica, como mulheres responsáveis por moléstias sexualmente transmissíveis que se espraiavam e que o Estado e a família “moderna” queria controlar. Por ser uma família rica

---

<sup>55</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.129

<sup>56</sup> *Ibid.*, p..130

e moderna, era possível pensar que o patriarca estava preocupado como a saúde do único filho varão e pretendia prover sua iniciação em termos mais “civilizados” ou “higiênicos”.

É de se perceber que era uma alternativa de serviço prestado às famílias ricas que se preocupavam em controlar até mesmo a vida amorosa/sexual dos filhos, temendo também que um início não controlado pelos pais pudesse atrapalhar o futuro desses. Na narrativa, o pai cita os perigos para sua futura família, sua moral burguesa e sobretudo seu patrimônio, caso Carlos passasse a “descobrir o amor com qualquer uma”.

(...) você sabe: hoje esses mocinhos... é tão perigoso. Podem cair nas mãos de alguma exploradora! A cidade é uma invasão de aventureiras agora! Como nunca teve! COMO NUNCA TEVE, Laura... Depois disso de principiar... é tão perigoso! Você compreende: uma pessoa especial evita muitas coisas. E viciadas! Não é só bebidas, não! Hoje não tem mulher-da-vida que não seja eterômana, usam morfina... E os moços imitam! Depois as doenças!<sup>57</sup>

Percebemos que famílias tradicionais naquela época sentiam-se no dever de proteger o futuro dos filhos e para isso eram utilizados todos os recursos disponíveis que as elites julgavam necessário, um exemplo disso é o trecho citado acima. Parece que o importante seria colocar uma pessoa especial dentro do seio familiar que não interferisse na vida privada deles, mas que ao mesmo tempo pudesse resolver o “problema” de Carlos, ou melhor, de seu pai.

De um lado, a mãe de família, que tem a imagem associada à pureza da Virgem Maria, por outro lado, a profissional do amor que, para a família moderna aparece como alternativa de elite em relação à “necessidade” de se promover a educação sexual masculina. Para as meninas, educação significava aprender prendas do lar, aprender sobre o comando da casa e algumas noções de etiqueta, não se tratando sequer do termo sexualidade no cotidiano do lar. Rago atenta para a maneira pela qual o discurso burguês, ao estabelecer uma rígida linha de demarcação entre os sexos, dessexualiza a mulher.

---

<sup>57</sup> Ibid., p.54

(...) Assim, na representação santificada da mãe-esposa-dona-de-casa, ordeira e higiênica, o aspecto sexual só aparece se associado à idéia de procriação. O direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, enquanto que a mulher deve manter sua castidade mesmo depois de casada.

*Fraulein* carrega com ela o receio de que Laura a enxergasse como uma aventureira, ou seja, não queria estar identificada com a “pecadora diabólica”. Tampouco tinha valores que a identificava com a santa-esposa-mãe. Isso dá espaço para se perceber que ela sentia importância em manter uma imagem para os outros, e também para si mesma, de que ela era diferente das mulheres que se vendiam em bares ou locais próprios à prostituição. É visível nela, portanto, apesar da moral diferente da católica, alguma estranheza em relação àquela sociedade e até mesmo algum preconceito em relação à sua função naquela casa, em razão dos valores circulantes naquela sociedade, o que a faz querer justificá-la para os outros e para si mesma.

Em tempos de criação, renovação de costumes na direção de hábitos considerados civilizados observa-se que a sociedade brasileira cresce e as elites produzem um discurso modernista, mas ao mesmo tempo, a família tenta manter a qualquer custo hábitos, alguns deles em segredo, costumes que estão arraigados e que predominam em papéis fixos e hierarquizados na família. Evidencia-se também a educação no interior do lar para reproduzir tais papéis, ou seja, um processo educacional doméstico que passa de pai para filhos. A imagem de mulher brasileira seria modelada com base em uma desvalorização fundamental, como observa Margareth Rago, no trecho a seguir:

(...) Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização parece imersa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.<sup>58</sup>

As imagens de mulher – mãe brasileira, solteira estrangeira, filhas –, e homem - pai e filho -, que Mario de Andrade representa em sua obra são reveladoras de identidades e

---

<sup>58</sup>. RAGO, M. *Op. cit.*, p. 65.

relações e, assim, ele quer mostrar as contradições de uma sociedade que mantém seus costumes e, ao mesmo tempo, pretende alterá-los. O romance configura um padrão de família em meio a contradições que exibem a sociedade, para abordar relações, questões ou tensões sociais.

O pai contratou a estrangeira para iniciar sexualmente o filho e orquestrou a encenação doméstica que escondia seu intento. O cotidiano do lar parecia harmônico, os papéis da família, em relação às relações de parentesco, gênero e idade, pareciam funcionar em plena normalidade e naturalidade. É ele mesmo que entra no quarto de Elza para se deparar com a cena que ele mesmo criara, mas, naquele momento, para encerrar uma trama que, para ele, devia chegar ao fim. O flagrante é descrito na cena abaixo, em que o pai desempenha o papel que exhibe seu poder também por meio do fingimento ou ambigüidade, e coloca ponto final do relacionamento dos dois. Na cena, Carlos está no quarto de *Fräulein*:

(...) Abra! Meu Deus! Entra Sousa Costa.

-Que está fazendo aqui, diga!

- Nada, papai...

Flébil, flébil, nem se ouvia. Sousa Costa acreditou que era um grande artista dramático. Voltou-se pra *Fräulein*. Por lembranças românticas franziu a testa.

Ela não tem a culpa.

De pé agora, relampeando em nítida franqueza, heróico.

- O senhor tenha a bondade, mas é de ir já pro seu quarto! Já vou também!

Carlos baixou a cabeça, partiu.<sup>59</sup>

Esse trecho nos permite pensar nas diversas contradições que o texto apresenta, pois, em certo momento, Carlos ao ver seu pai ali se sente todo desprotegido como se ainda estivesse no mundo infantil. O impacto do susto foi tão forte que ele não conseguia se explicar, mas tentou tirar a amada daquela situação.

---

<sup>59</sup> Ibid., p.129

O jogo de sedução e profissionalismo esconde a dura realidade naquele quarto, o pai finge ter um sentimento de indignação diante da cena, parece desvendar um segredo que era somente do casal. Mas, na verdade, o próprio pai para proteger o filho trama toda aquela cena.

Por outro lado Sousa Costa é um modelo daquela sociedade tradicional, de hábitos e costumes patriarcais, androcêntricos, ou seja, centrados no masculino, ao ver o ato sexual como algo importante para a vida do homem. Nessa perspectiva podemos pensar os valores que informam as noções sobre sexo, as desigualdades sociais de gênero, em noções que circulam na sociedade e identificam um determinado processo histórico e cultural.

Quando o pai coloca a questão de que o filho não poderá ter uma vida conjugal com qualquer mulher, entendemos que naquele estrato social, existem mulheres para o casamento e outras somente para diversão, isto na concepção dele e dos homens e mulheres daquela classe e lugar social. O ato sexual é uma prática governada pelos homens que dela se servem para procriar, mas também como uma necessidade essencialmente masculina, que resulta em momento prazeroso que alivia as tensões do dia-a-dia.

*Fräulein* tem uma imagem romântica do que é o ato sexual. Ela não trata essa iniciação sexual de Carlos como algo simples e vago, mas com dedicação e amor “elevado”, “sincero”. Diferente de Sousa Costa, para ela o sexo ou amor pode ser compartilhado entre o casal, por isso pode ser ensinado a Carlos. Essa concepção de amor é revelada no trecho em que ela expõe a sua versão, a seguir:

(...) e o amor não é só o que o senhor Sousa Costa pensa. Vim ensinar o amor como deve ser. Isso é que eu pretendo, pretendia ensinar pra Carlos. O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras.<sup>60</sup>

Era um outro modelo de mulher, diferente, mas nem tanto, estrangeira, aparentemente de personalidade forte, racional, desprendida de certa forma de emoções, representando sujeitos que parecem ser donos de seus destinos, embora para isso muitas

---

<sup>60</sup> Ibid., p. 56.

vezes tivessem que pagar um preço alto, já que para estar nesta condição e ter certa liberdade de escolha numa sociedade patriarcal, seria preciso não estar submetida às regras desta sociedade e nesse momento um dos modos de fazê-lo era colocando-se à margem dessa sociedade.

São pontos importantes para pensarmos nessa contradição, que aparece na obra, mas não podemos deixar de pensar na perspectiva de que *Fraulein* apresenta ideais parecidos com Laura, naquele desejo de voltar a sua terra natal para casar-se com o homem dos sonhos, e a possibilidade de ter seu próprio lar na Alemanha. Aqui, no Brasil, a possibilidade dela encontrar o que pensava ser o “homem ideal”, talvez fosse bastante pequena, porque essa sociedade da década de 20, mesmo com todo processo de transformação tanto na parte intelectual quanto financeira, continuava-se a cultivar hábitos e costumes talvez mais conservadores. A questão da moral, segundo essas elites, era bem valorizada e diferente, os sujeitos sociais simplesmente eram aquilo que conseguiam ter financeiramente e aparentavam ser, além de reproduzi-lo para essa sociedade dominante.

A história explicita ambigüidades na sociedade e a configuração de uma família, de lugares de homens e mulheres, em diferentes faixas etárias, em uma determinada classe social, em um Brasil que tenta se desvencilhar de hábitos arraigados, identificados com o atraso. Uma elite que busca novos conhecimentos, modelos, um novo padrão de família, identificado com a burguesia, embora não queira dissolver a configuração política do sexo, do gênero, confirmando a localização inferior da existência social da identidade feminina. Nesse sentido, atenta Tânia Navarro Swain,

(...) a apropriação das mulheres pelos homens é âncora nas condições de imaginação sexual, pois são todas, em princípio, corpos disponíveis e desfrutáveis por definição, já que os papéis atribuídos socialmente às mulheres passam pela sedução, casamento, procriação, prostituição.<sup>61</sup>

Esse trecho nos mostra claramente que:

---

<sup>61</sup> SWAIN, Tânia Navarro. Entre a vida e a morte, o sexo. In: *A Construção dos Corpos. Perspectivas Feministas*. Florianópolis/SC: Ed. Mulheres, 2008. p. 286-7.

Entre as configurações da lógica binária, podemos enxergar outra dicotomia, na ambivalência em que a mulher é representada: de um lado as ingênuas esposas e filhas que devem ser “governadas” e cuidadas, de outro as “espertas interesseiras” que podem se aproveitar de um rapaz inocente e acabar por destruir-lhe o futuro. E, num outro local, não dentro, mas à margem da sociedade, aparece *Fraulein* que era aceita dentro de tal sociedade, pelas mulheres, como professora de línguas e de piano, pelo patriarca como professora de sexo, ou seja, para prestar um serviço que não caberia às mulheres pertencentes à mesma classe, nem às prostitutas que também sugerem as ruas insalubres, a cidade suja, o país atrasado, descontrolado das prescrições higiênicas.

A submissão da mulher aparece, portanto, imersa, produzida e produtora desse processo histórico, ou seja, construído pela e na nossa sociedade. Aparece como valor significativo nos nossos costumes. Nos modos de vidas que adquirimos ao longo das nossas experiências e que hoje, sob a perspectiva da história, podem ser percebidos em nossa sociedade. Então diante de um trecho da obra, é possível salientar essa idéia de submissão e de outros valores que surgem para nos remeter à análise das relações representações sociais e de poder, em que homens e mulheres dessa sociedade estão inseridos, como em uma encenação literária que é também política, social, cultural, além de histórica.

Talvez seja interessante pensarmos no relacionamento afetivo entre *Fraulein* e Carlos, em um primeiro momento, e talvez todo tempo essa relação não existisse como um “amor livre”, digamos assim, até, porque ela foi contratada por Souza Costa para realizar o trabalho de iniciação sexual do rapaz. Para aquela sociedade o homem deveria iniciar suas atividades sexuais cedo, por ser um varão, diferentemente do que acontecia com as mulheres que não podem fazer escolhas de suas vidas muitos menos em relação a assuntos dessa natureza.

*Fräulein*, diante da sociedade mantinha sua visão de mundo, seus valores, e, de acordo com o contrato feito naquela situação, não poderia desenvolver sentimentos que colocassem em risco os objetivos do chefe da família, o pai, que temia a exposição de seu filho perante a sociedade, caso se relacionasse publicamente com uma mulher que não fosse representante das elites na sociedade brasileira.

Ao contrário das filhas e da esposa, a todo o momento na narrativa, a figura feminina de Elza apresenta-se como objeto de desejo masculino e sua sensualidade é marcada. Quando o pai deu o flagrante e ordenou que o filho o aguardasse no quarto, ele queria explicar que as coisas não eram do jeito que Carlos imaginava, e cumprir um papel moralista, além de fingidor, pois ele não deveria envolver-se emocionalmente com uma mulher como ela. A situação criada poderia tornar-se desastrosa para a vida de Carlos e o pai deveria aproveitar-se da situação para deixar mais este ensinamento. Enquanto Carlos defendia a alemã - “Ela não teve a culpa, papai!”, o pai retrucava e ralhava com o filho:

-Você está louco! Você sabe quem é essa mulher! E se ela agora te obriga a casar! Está muito bonito!<sup>62</sup>

Falar sobre a possibilidade de ter que se casar com *Fräulein*, faz com que Carlos pense muito rápido na vida, mas nem mesmo isso tirava a emoção carregada dentro dele naquele momento. Mas o pai teve que ser ainda mais duro, ao colocar para Carlos a possibilidade de ser pai. Isso acaba por fazer o filho despertar para uma realidade que não parecia preocupá-lo. Ele nem cogitava em casar-se e, como também não estava nos planos do menino ser pai, chocado, ele desaba a chorar.

E, ainda, para acabar com qualquer esperança que Carlos pudesse ter naquela relação, o pai conta-lhe sobre o pagamento que fez a ela e explica: “(...) Não tem tantas mulheres sem perigo por aí”. Carlos quase não acreditava na idéia de que havia dinheiro no meio de seu relacionamento, mais terrível ainda era pensar na possibilidade de ter que casar e ter um filho. O ensinamento foi eficiente, tanto que podemos observar no trecho que trata do choque de Carlos a seguir:

(...) voltou á idéia do filho, com que vencera de-já-hoje. Carlos recomeçou a chorar. Era horrível! Casar ainda, mas ter um filho... UM FILHO! Não! Era impossível!que medo!<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 129.

<sup>63</sup> Ibid., p. 130.

Essa foi para Sousa Costa uma estratégia clara e, ainda aproveitou-se da reação de Carlos em relação a *Fräulein*. Por alguns instantes parecia que o filho não estava preocupado com os desdobramentos daquela situação, mas quando é colocada a possibilidade dele tornar-se pai de uma criança indesejada, o pai ensina, mais uma vez, o filho a ocupar o lugar masculino naquela sociedade. A separação estava feita, naquele momento o trabalho de *Fräulein* terminava, assim com a tensão dramática, desfechando a narrativa.

(...) – Adeus, Carlos. Seja... muito feliz, ouviu? Adeus...

Beijou-o na testa. Na testa, tal-e-qual fazem as mães. O beijo foi comido por demais.

Se desvencilhava. Dona Laura ajudou. – Filhinho... não faça assim!...

Os braços dele foram ficando vazios. Os braços dele ficaram compridos no ar. Ficaram compridíssimos. Foram descendo cansadíssimos. Teve uma vaga lembrança de que nem a beijara. Não, só um verbo naturalista: não aproveitara. E agora nunca mais. Porta que fecha. Sonolência. Não chorava. Foi andando. Parou calçando o chinelo. Subiu os degraus.

*Fräulein* sacudida pelos soluços nervosos entrou no automóvel. Partiu mesmo.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> ANDRADE, M. *Op. cit.*, p. 134.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembrando, conforme Pesavento, que “a verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada”<sup>65</sup>, buscamos reler esta obra de Mário de Andrade para pensar as sensibilidades, os comportamentos, as identidades e tramas que nos permitem acessar os sonhos, medos, angústias, os pecados e as virtudes daqueles sujeitos históricos entrelaçados na casa da família Sousa Costa e na sociedade paulista da década de 20 (século XX).

Acessar o imaginário daquela época exige um esforço de deslocamento do pensamento, ou de imaginação, em busca dos sentidos que o texto literário apresenta ou insinua. Da leitura daquelas páginas, podemos dizer que provavelmente tivesse nascido um grande amor, ou talvez Andrade provocasse nos personagens uma cena imaginária, um desejo ou um vínculo real, embora proibido, fora das convenções, que habitasse a cabeça de *Fraulein* e dos sujeitos que vivem sob imposições da sociedade. Talvez o autor pensasse em tratar naquela personagem e no relacionamento dela com o rapaz o amor, como uma espécie de sentimento que muitas vezes extrapola as regras sociais. Pelo menos as regras vigentes na sociedade brasileira da época. Uma demanda que era de Elza, mas também de mulheres que não queriam se identificar com os dois pólos opostos do modelo convencional. Tal como Maria Lacerda tratava do amor, no trecho abordado por Margareth Rago:

(...) Portanto, o amor entre duas pessoas deve ser livre, porque não comporta regras, não pode ser enquadrado nas formas já definidas pelo imaginário social, deve fluir sem imposições. A liberdade de amar, explica Maria Lacerda, refere-se a liberdade interior de cada um “aprender a amar”, sem regras, livremente, sem qualquer interferência externa sobre as opções individuais, sem imposições sociais ou ainda sem a orientação do partido <sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> PESAVENTO, S. J. *Op. cit.*, p. 22.

<sup>66</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. Op. cit.*, p.107 ??

Partindo dessa perspectiva de que o amor deveria ser livre, pensados o amor e a liberdade conforme os valores que tem certos sentidos naquele período histórico, podemos observar como essa relação de amor entre homem e mulher não pode se desenvolver e nem poderia nascer, posto que já estaria fadada a não existir naquelas condições sociais, daí o conflito estabelecido. Naquele momento e no interior da família burguesa, e de cada ser daquela história, Elza (*Fraulein*) deveria apenas realizar o seu trabalho, sem explicitar seus desejos, ou seja, não deveria criar qualquer expectativa amorosa daquela e naquela relação.

O trabalho dela, e era trabalho remunerado, seria iniciar Carlos sexualmente, mesmo sem dizer a ele que o pai a havia pagado, então, de acordo com o trabalho, ela deveria simular uma liberdade de sentimento que não existia, ou não deveria existir. Ou seja, segundo o contrato de trabalho, ainda que não fosse registrado por escrito, ela deveria manter o controle para não se apaixonar e não permitir que Carlos se apaixonasse por ela.

Essas relações sociais que envolvem o cotidiano dos indivíduos dentro de uma sociedade estão muito ligadas com as relações de poder de uma determinada classe, das relações de gênero, e se observam em algumas localizações específicas de sujeito – no caso lugar do chefe de família, do pai e patriarca - que se julga e é reconhecido como dominante. Dessa forma, a sociedade estabelece e reconhece as regras e condutas que são impostas direta ou indiretamente aos indivíduos, ou seja, podemos perceber o movimento dessas relações de poder que estão presentes e fazem com que o imaginário construa suas teias. Embora o poder seja abordado na dimensão da vida pública, é possível perceber seus tentáculos no cotidiano da vida privada, inclusive nas práticas do amor:

(...) Segundo a autora Maria Lacerda, as relações sociais, tanto na esfera da produção quanto no interior da família, na escola, ou em outros espaços de sociabilidade não podem ser organizadas pelo partido político, mesmo que este se considere representante dos interesses do proletariado: é o caso, por exemplo, do amor, impossível de ser organizado.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup>RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.100

Na realidade, podemos observar que essas relações presentes no cotidiano, na vida privada, econômica e política estão de certo modo organizadas, ou podemos dizer gerenciadas, pelos setores dominantes da sociedade – setores que devem ser entendidos com base em categorias como classe, gênero, raça-etnia - que de alguma forma detém e reproduzem o poder no âmbito dos governos da nação, dos estados, dos municípios, dos bairros e das casas. A sociedade se organiza e, assim, cria regras, convenções e mecanismos sociais gerando modelos que devem ser seguidos. Assim, a sociedade se reconhece e designa sua identidade, como ensina Baczko, no seguinte trecho:

(...) os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o “bom súbdito”, o ‘guerreiro corajoso’, etc..<sup>68</sup>

Na obra de Mario de Andrade podemos perceber claramente essa situação de poder e o desenho de papéis e posições sociais no imaginário social, que dá sentido ao que seria o bom e o mau comportamento e, particularmente, define quem manda e é reconhecido como chefe. A narrativa apresenta a construção de uma forma de amor, que não está na regra, que não pode ser organizada, mas também nos mostra que existe uma organização ou tentativa de controlar, de dominar os sentimentos e os relacionamentos a fim de que se possa pautar a vida conforme as convenções sociais e, além disso, evitar causar prejuízos econômicos e morais diante da esfera social em que os personagens vivem, ou seja, no interior das elites dominantes.

A relação de hierarquia se revela e aparece impregnada na vida privada, onde o amor só poderia acontecer dentro de uma mesma classe, com vistas à reprodução da família e do poder, nos moldes do casamento monogâmico, heterossexual e do padrão da

---

<sup>68</sup> BACZKO, Bronislaw. *Op. cit.*, p 309.

sociabilidade burguesa, naquela década de vinte. De certa forma não podemos negar que para o pai na família Sousa Costa, mas também para a sociedade paulista, ciosa dos valores burgueses e da reprodução do padrão de família considerado à época como moderna, *Fraulein* entrou naquela casa com um simples objetivo, iniciar a vida sexual de seu filho.

A religião católica se faz presente e, de certa forma, contribui para que essa sociedade observe um modelo de casamento pautado pelas regras da Igreja, que prima pela virgindade feminina e incita o poder masculino na organização da família e da procriação. O modelo burguês e europeu entra naquela família, no que ela pretende aprender como ilustração, pela educação de línguas, piano, gestos identificados com o progresso e a civilização, mas o comportamento de meninos e meninas não deveria ser contaminado por outras formas de praticar a sexualidade, que não fossem aquelas tradicionais da família brasileira. Assim, uma vez terminado o serviço, guardado em silêncio pelo patriarca, a alemã precisaria partir, já que não havia lugar para aquela personagem estrangeira, provavelmente protestante.

É visível, no romance, a centralidade da sexualidade na trama da família e do poder, poder ilimitado do patriarca, bem como o foco no domínio da família sobre o Estado e a vida pública. Sérgio Buarque atenta para as dificuldades de se mudar a mentalidade naquele meio patriarcal e Mario de Andrade parece querer nos mostrar que “as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós”<sup>69</sup>. A família aparece no romance moderno como lugar privilegiado para o autor encenar conflitos e contradições que evidenciam tensões na lógica binária que pauta o imaginário e as condutas sociais, entre elas: a dimensão privada e pública, a mulher e o homem, a emoção e a razão, a tradição e a modernidade. E entre as produções da intelectualidade do período<sup>70</sup>, preocupada em modelar identidades brasileiras com base em uma “consciência nacional”, essas tensões se explicitam.

Ao longo da historiografia e da literatura, observa-se a organização dos papéis sociais, segundo os valores e as regras vigentes na década de 20 assume, bem como os

---

<sup>69</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 104.

<sup>70</sup> Refiro-me às obras referenciais de autores do período tais como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr, Gilberto Freyre, entre outros.

modelos que parecem pairar como exemplos para os sujeitos sociais, definindo uma política e uma moral social. Assim, para as meninas, o modelo de boa mãe e boa esposa é disseminado nos manuais de educação e, além deles, nas práticas religiosas, que difundem a “figura” da Virgem Maria, símbolo da pureza divina. Para os meninos, a educação estaria voltada para a formação profissional, para o mundo público e dos negócios, mas também para o exercício do poder e do mando, que passa pelo domínio do prazer e da sexualidade. Aliás, no mundo da Igreja Católica, os modelos binários servem para imprimir o bem e o mal, com base nas figuras de “Virgem Maria” ou “Eva”, esta que representaria as mulheres interesseiras, aproveitadoras, pecadoras, ou ainda, podemos pensar em “Maria Madalena”, que serviria para acomodar a personagem de *Fraulein*, solteira, estrangeira, diferente, contratada para o trabalho, mulher de certa forma “necessária” naquele núcleo familiar e “perdoada”, mas nunca totalmente aceita.

Fazendo uma comparação dos modelos com a obra, podemos observar que as duas personagens encarnadas em *Fräulein* e Dona Laura se distanciam dessa pureza divina, porque, de um lado, Dona Laura, apesar de ser mãe, abre mão de suas convicções morais (ou não alimenta outras formas de pensar, por ocupar o lugar social de esposa que não deve conflitar ou discordar do marido) para satisfazer os desejos do marido que não quer ver seu único filho casar-se com qualquer mulher. Do outro lado, *Fraulein*, que aos olhos do autor mostra-se determinada, mas de certa forma acaba com o coração derrotado, para fazer valer a moral e os bons costumes daquela sociedade desigual e, por fim, alcançar os objetivos que a levaram àquele “trabalho”.

O poder e as relações de hierarquia estão claros na política, na sociedade, na família, portanto é inquestionável o lugar social do chefe e o processo de relacionamento e educação das crianças: o pai que domina a esposa que obedece aos desejos do marido, o pai, a mãe, cada um com sua responsabilidade para a educação de filhos para a nação, o progresso, a civilização, de acordo como o padrão burguês que se organiza, e que constitui normas e papéis bem definidos.

(...) Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de mulher, novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes

burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma apresentação simbólica da mulher, as esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, café, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho. As mulheres ricas, as exigências de um bom preparo e educação para o casamento moda ou com a casa.<sup>71</sup>

A partir desse trecho, é interessante refletir sobre o papel de *Fräulein* e Dona Laura, ambas educadoras, porém, ambíguos. Mas não importa aqui nesta discussão a ambigüidade dessas duas educadoras individualmente, o que pretendo mostrar é a diferença entre elas e a importância que elas têm dentro dessa instituição que se organiza naqueles moldes burgueses, entre a tradição e a modernidade.

Podemos observar a visibilidade que elas ganham no romance – que retirando as filhas, ainda crianças, expõe duas versões de mulher -, ainda em que dentro de lugares sociais inferiores (em relação ao chefe), mas também a importância delas como educadoras das crianças no lar, o que nos faz refletir se realmente seria apenas essa a importância da mulher na sociedade e na historiografia brasileira. Ao menos podemos perceber que elas ainda não apareciam na cena pública nas primeiras décadas no século XX e, quando apareciam, era para confirmar o lugar de mãe-esposa ou educadora, ou o lugar da pecadora, mulher pública, esta que não aparecia definitivamente na História.

Analisar esta obra é uma forma de observar a construção da diferenciação de lugares e papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens nos discursos e nas diferentes temporalidades históricas, quer dizer, exercitar a leitura do gênero para além das explicações biológicas e, sobretudo, pensar na hierarquização dos papéis e na desigualdade construída nessas relações. Como ensina Joan Scott,

(...) o gênero e igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas como aquelas que encontram

---

<sup>71</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 62

um denominador comum, para diversas normas de subordinação, no fato de que as mulheres têm as crianças, e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero torna-se, antes, uma maneira de indicar construções sociais – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Ele oferece um meio de distinguir a prática social dos papéis sexuais, consignados às mulheres e aos homens. O uso do gênero põe a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mais ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.<sup>72</sup>

São essas relações sociais e de poder que nos permite pensar nas possibilidades (e impossibilidades) de *Fraulein* e Dona Laura, inseridas no processo de construção da trama que revela a subordinação ou a marginalização (no sentido de que dentro da sociedade *Fraulein* não pode ser o que é, tem que estar disfarçada para ser aceita) impressa nas palavras, nos gestos, na narrativa, na trama. São evidências dos valores e das identidades, ou seja, do imaginário e dos códigos que a própria sociedade estabelece como normas para que os papéis sejam construídos, definidos e reconhecidos como de “boa mãe”, “esposa”, “educadora” e orientadora do lar.

Assim, ainda que superficialmente em função da exigüidade do tempo e do espaço de uma monografia, o esforço de adentrar os personagens, encontros e desencontros tecidos na obra de Mário de Andrade serviu, aqui, como um exercício (sempre inesgotável) para se pensar a construção de relações forjadas com base na diferença sexual, não como uma questão natural, biológica, mas como atribuição de sentido dada aos corpos e identidades, ou seja, uma questão cultural e histórica. Naquelas personagens, significações foram construídas em um certo contexto e nelas a diferença sexual assume relevância.

Foi possível pensar que, se a década de 20 representou um momento, dos mais agudos, de “tomada de consciência da necessidade de renovação estética, e de se formar um juízo crítico dos traços coloniais remanescentes em nossa sociedade”<sup>73</sup>, essa atitude moderna ainda estava impregnada de uma moral tradicional e androcêntrica, e a sociedade exhibe esses valores conservadores, que a própria sociedade não se consegue esconder, e se reproduzem no âmbito da família e das relações da sexualidade.

---

<sup>72</sup> SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise histórica. *Op. cit.*, p. 7

<sup>73</sup> VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Op. cit.*, p. 92.

Também foi possível perceber que os papéis sociais são construídos, que o próprio discurso da “natureza” dos sexos é um artifício de poder marcado de historicidade<sup>74</sup>, ou seja, pensar para além de identidades fixas, essenciais, separadas pelo sexo, que operam em diferentes esferas hierarquizadas da vida social, para entender e encarar a masculinidade e a feminilidade como posições de sujeitos (e não machos e fêmeas biológicos), cultural e historicamente construídos<sup>75</sup>. Pensar, inclusive, como atenta Tânia Navarro Swain, que, não por acaso,

(...) o amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos em mulher, prontos a se sacrificarem, a viver no esquecimento de si, pelo amor de outrem. As profissões ditas femininas partilham essas características: enfermeira, professora primária, doméstica, babá etc.<sup>76</sup>

Se, para Mário de Andrade, amar é verbo intransitivo, podemos pensar do ponto de vista da gramática como aquilo “que não se pode transmitir a outrem”, ou ação que não precisa ou aceita de complemento, porque existe nela mesma. Talvez ele quisesse marcar a solidão / unicidade ou a efemeridade do amor como característica daquele sentimento na modernidade. Se pensarmos que, do ponto de vista da matemática, a transitividade é uma “propriedade de uma relação binária tal que, para três elementos quaisquer, a relação do primeiro com o segundo e do segundo com o terceiro acarreta a relação do primeiro com o terceiro”<sup>77</sup>, a intransitividade revela mais uma vez a radicalidade que ele talvez quisesse imprimir ao sentimento do amar, salientando o paradoxo do desejo de completude / incompletude, o sentimento que se volta para além do sentido, da sintaxe, dos limites do corpo e da experiência humana... De qualquer forma, daquele jeito possível, naquele momento e lugar histórico, com os sentimentos e as contradições mais ou menos revelados, o autor quer e consegue falar do amor...

---

<sup>74</sup> SWAIN, Tânia Navarro. *Op. cit.*, p.

<sup>75</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. pp. 29-44. (passim)

<sup>76</sup> SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino. *Op. cit.*, p.47.

<sup>77</sup> Dicionário Eletrônico HOUAISS. Versão 1.0.5ª. Novembro de 2002. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

## FONTE

## TEXTO LITERÁRIO:

ANDRADE, Mário de. Amar, Verbo Intransitivo: idílio: Rio de Janeiro: Agir, 2008.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

- ANDRADE, Mário de. Amar, Verbo Intransitivo: idílio: Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- À MODERNIDADE. p. 2 de 10. Disponível em: [http://www.4shared.com/document/ijv7P-TK/Adriano Ribeiro Paranhos 2.html](http://www.4shared.com/document/ijv7P-TK/Adriano_Ribeiro_Paranhos_2.html). Acesso em: 02/01/2011.
- AVANCINI, José Augusto. Expressão Plástica e consciência nacional na crítica de Mário de Andrade. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1998.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Einaudi. Anthropos*. Vol.5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. Vol 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRITO Ronaldo. A Semana de 22: O trauma do moderno In: Sete ensaios sobre o Modernismo. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.(Caderno de Textos, 3).
- BLOCH, Marc. A Observação histórica. In: Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 421. Ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: Inc: a Escola dos Annales, 1929-1998. Tradução Nilo Odalia, São Paulo: Editora, Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CÂNDIDO, Antonio. "Aparecimento da ficção". In: *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CHARTIER, Roger. A Beira da Falésia. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural entre prática e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n.13, 1997 [97-113], p. 107.
- CARSON, Alejandro C., Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. In: *Cadernos Pagu*. Campinas/Unicamp/NEG, n.4, 1995, p.202. Apud MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Op.cit*. Introdução.
- COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil – 7. Ed. rev. e atual – São Paulo: Global, 2004.

DANTE, Gatto. A presença de Nietzsche em amar, verbo intransitivo- idílio de Mário de Andrade. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/Assis, dissertação de mestrado 1999.

DEL, Picchia Menotti. A “Semana” revolucionária: Campinas, SP: Editora Fontes, 1992  
Dicionário Eletrônico HOUAISS. Versão 1.0.5ª. Novembro de 2002. Rio de Janeiro: Objetiva.

FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano. In: Boris, Fausto. Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República. Rio de Janeiro, 1997.

FERREIRA, Antonio Celso. A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora Unesp, 2002.

Ver GOMES, Ângela de Castro. A política, brasileira em busca da modernidade na fronteira entre o público e o privado \_ História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Os manuais de medicina popular do império e as doenças dos escravos: o exemplo de Chernoviz. COC/FIOCRUZ. In: Revista latino-americana de psicopatologia fundamental. Volume 11. nº. 4. 2008. Disponível em: <mhtml:file://G. HISTÓRIA DA IDEIA DE FAMÍLIA NA PASSAGEM À MODERNIDADE>. Acesso em 02/01/2010.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.  
HARTI, de Paiva Mário. Um idílio em tempos modernos: a mobilidade das tradições em amar, verbo intransitivo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

JODELET, Denise. Representações Sociais: Um Domínio em Expansão. In: Denise Jodelet. (org). As representações Sociais. Rio de Janeiro/Ed. UERJ, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. LOURO, G.L.(org.) O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Simone de Paiva. *Um Idílio em Tempos Modernos: as mobilidades das tradições em amar, verbo intransitivo*. Universidade do Rio de Janeiro 1999.

MENDES, Ângela Almeida de. Texto reelaborado a partir de conferência apresentada no XVI Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, Mesa Redonda “Uma Visão Multidisciplinar da Família Brasileira”, organizado pela Associação Brasileira de Economistas Domésticos (ABED) e pelo Conselho Federal de Economia Doméstica, com o apoio da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG). 12/09/2001 “Historiadora, Professora aposentada do CPDA/ICHS/UFRRJ.

MOTTA, Marly Silva da. 1922: em busca da cabeça do Brasil moderno. Rio de Janeiro: CPDOC, 1994, p. 2. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/artigos>. Acesso em 01/01/2011.

MUNIZ, Diva do Couto. *Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892)*. Brasília: Finatec/EdUnB, 2003, Introdução.

MOTTA, Dantas. Mário de Andrade. Rio de Janeiro; Editora Agir, 1976.

PARANHOS, Adriano Ribeiro. História da Idéia de Família na Passagem à Modernidade do Brasil: Educação, Medicina e Religião. In: mhtml: file: //G; HISTÓRIA DA IDEIA DE FAMÍLIA NA

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História. Representações*. Vol.15. N.29. São Paulo: Contexto/Anpuh, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: *História e Literatura. Identidades e Fronteiras*. Uberlândia/MG: EdUFU, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 2000.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. Ser Mulher no Século XXI. In: *A Mulher Brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004, p 34.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam et al. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis/SC: Ed. Mulheres, 1998.

ROSSATO, G. Maria Carmen. Amar, verbo intransitivo à sombra de Mário de Andrade. Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/SP. Rio Preto, 1997.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. pp. 29-44. (passim)

SCOTT, Joan. Prefácio a gender e politics of History. In: *Cadernos Pagu*. [3]. Campinas, Unicamp, 1994.

SCOTT, Joan W. SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n°2, jul./dezembro 1995.

SCHUTEL, C. Luisa Enõe. Mário de Andrade. In: *Ensaio e textos e comentários sobre autores contemporâneos brasileiros e portugueses*: Rio de Janeiro, Editora Educam, 1976.

SWAIN, Tânia Navarro. A invenção do corpo feminino. In: *Revista Textos de História. Feminismos e Perspectivas*. Revista do PPGHIS/UnB. Vol 8, N1/2, 2000, Brasília/DF: EdUnB.

TOLIPAN, Sérgio, et alii. Sete ensaios sobre o modernismo. In: *Caderno de Textos*, 3. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras. Itinerários do Pensamento Social e na Literatura*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.